

ALQUIMIA

para iniciantes



LIDIANE FRANQUI

ALQUIMIA

Teoria e Simbologia Alquímica para Iniciantes

Edição revista e ampliada



© Copyright – Todos os direitos reservados.

De nenhuma forma é legal reproduzir, duplicar ou transmitir qualquer parte deste documento, tanto em meios eletrônicos como impressos. A gravação desta publicação é estritamente proibida e não é permitido qualquer armazenamento deste documento, a menos que haja permissão por escrito por parte da autora. Todos os direitos reservados. As informações contidas neste documento são declaradas como verdadeiras e consistentes, baseadas em pesquisas, explicitadas as fontes no final deste documento.

Aviso Legal:

Este livro é protegido por direitos autorais, sendo exclusivamente destinado para uso pessoal. Você não pode alterar, distribuir, vender, usar, citar ou parafrasear qualquer parte ou o conteúdo deste livro sem o consentimento do autor ou do proprietário dos direitos autorais. Ações legais serão tomadas em caso de violação.

Sumário

[Apresentação](#)

[Capítulo 1 – Introdução à Alquimia](#)

[Obscurantismo do Simbolismo Alquímic](#)

[Alquimia extrovertida e introvertida](#)

[Aspectos históricos da alquimia](#)

[Objetivos da Alquimia](#)

[Qualidades elementares da alquimia](#)

[Deuses na Alquimia](#)

[Capítulo 2 – Por que estudar Alquimia?](#)

[Capítulo 3 – A Alquimia na antiguidade](#)

[A Tábua de Esmeraldas](#)

[Capítulo 4 – Os Quatro Elementos e a Quintessência](#)

[Capítulo 5 – Os Princípios Filosóficos](#)

[Capítulo 6 – A Primeira Matéria e a Unidade](#)

[Propriedades da Primeira Matéria](#)

[A Primeira Matéria e o conceito de Unidade](#)

[Capítulo 7 – A Pedra Filosofal](#)

[Capítulo 8 – Estágios do processo alquímic e seus símbolos](#)

[Fase Negra: Nigredo](#)

[Calcinação](#)

[Dissolução](#)

[Símbolos da Fase negra](#)

[Saturno](#)

[Fase Branca: Albedo](#)

[Separação](#)

[Conjunção](#)

[Fase Vermelha: Rubedo](#)

[Fermentação](#)

[*Cauda Pavonis* \(Cauda do pavão\)](#)

[Destilação](#)

[Coagulação](#)

[O Casamento Alquímic](#)

[Capítulo 9 – Simbolismo dos animais na alquimia](#)

[Os pássaros e aves na Alquimia](#)

[Animais na Alquimia](#)

[O leão na alquimia](#)

O dragão na alquimia
Bibliografia

Apresentação

Este e-book que você acaba de adquirir é o resultado de alguns anos de estudo no campo da Alquimia, em especial do seu simbolismo.

Motivada pelo novo mundo que acabara de descobrir ao iniciar os estudos sobre Hermetismo, deparei-me com esta Arte Antiga e pouco compreendida na atualidade, mas ainda presente, uma vez que todos estamos, constantemente, em processos de transmutação. Sejam nós, por meio dos nossos processos psíquicos, seja a natureza e o mundo que nos rodeia, pelos seus processos naturais de transformação.

Este material nasceu da vontade de compartilhar com outras pessoas os resultados dos meus estudos. Assim como eu tive dificuldade de encontrar boas referências para iniciantes, decidi criar este e-book para ajudar quem está começando. Além de abordar os assuntos iniciais da Alquimia e seu simbolismo, nossa intenção é também indicar referências para a continuidade dos estudos.

Este e-book é indicado tanto para quem está começando a estudar Alquimia agora como para quem já estuda há algum tempo e tem interesse em saber um pouco mais sobre o seu simbolismo. É importante também deixar claro que este material não aborda a Alquimia prática e sim apresenta uma introdução sobre a Alquimia e suas principais características.

Como já foi dito, você vai ter capítulos que ajudam a olhar a Alquimia de ponto de vista simbólico. Isso se deve à necessidade que tem um estudante da Arte de ter essa visão, já que a Alquimia utiliza símbolos o tempo todo.

Espero que este e-book possa ajuda-lo(a) a compreender não só o que é a Alquimia, seus processos e seu simbolismos. Espero que ele acenda

em você a chama pelo conhecimento e a vontade de buscar cada vez mais conhecer essa maravilhosa contribuição que os antigos nos deixaram.

Torna-se importante também esclarecer que este é um e-book introdutório, em que reunimos capítulos sobre a Alquimia, seus objetivos, etapas, sobre seus símbolos e preparo o leitor para interpretar emblemas alquímicos. Quem tiver interesse em uma leitura mais prática, indico a leitura do nosso e-book “[Simbolismo Alquímico – aprenda interpretar emblemas alquímicos](#)”. Assim, seus estudos serão mais completos.

Cordialmente,
Lidiane Franqui

Capítulo 1 – Introdução à Alquimia

"Basílio Valentim, monge beneditino, descreveu muito claramente a alma do metal, que ele denominou enxofre, ou tintura; o corpo, sendo o sal; e enfim o espírito, que ele chamou mercúrio..."

*(J.B.Van Helmont: Ortus Medicinae,
1648).*

Ao que foi possível rastrear, a Alquimia teve seu início — ou nascimento — na época do nascimento de Cristo. No entanto, há relatos de que houve uma tentativa, mesmo sem sucesso, no século anterior ao nascimento de Jesus. Existem, ainda, autores que apontam os egípcios como os primeiros alquimistas após receber os ensinamentos da Arte do que eles chamaram “visitantes”.

Levando em conta o que temos do ponto de vista histórico, podemos considerar que a Alquimia teve seus primeiros vestígios no século I a.C, sendo que seu florescimento se deu na Grécia, nos séculos II e III, seguindo de um declínio nos séculos seguintes, até o décimo século.

Ainda nos séculos VII e VIII, os textos foram traduzidos para o árabe, tendo nesta região a Alquimia registrado um leve florescer. Foi quando ela evoluiu para a história da química. Mas foi depois do décimo século que ela retornou da Arábia para a civilização cristã e se espalhou pelos países ocidentais, onde se uniu à Filosofia Escolástica e desenvolveu-se posteriormente.

É interessante observar que a Alquimia deve duas grandes referências: a **filosofia racional grega** e a **tecnologia egípcia**. Enquanto no campo da filosofia os filósofos faziam observações e criavam teorias a respeito da Alquimia (nunca lhes ocorrendo experimentá-las), no Egito existia o que podemos chamar de uma técnica químico-mágica bastante

desenvolvida, mas que os egípcios não pensavam sobre sua aplicação, nem filosoficamente, nem teoricamente.

Quando essas duas tendências uniram-se (grega e egípcia), ocorreu um “casamento” bastante interessante. Uma união que teve como fruto a Alquimia tal como conhecemos hoje. A prática e a teoria. O experimento e a filosofia.

É importante destacar que a Alquimia — do seu ponto de vista prático — colaborou para o descobrimento de leis que regulam a composição de substâncias, favorecendo também o progresso tecnológico, com o descobrimento da destilação do álcool, a composição da porcelana, a invenção da pólvora, dentre outros feitos. Além disso, configura-se como uma forma de saber universal baseado no princípio de harmonia dos contrários, que dá ao iniciado a possibilidade de integrar harmoniosamente todos os aspectos da existência humana.

Mas afinal, o que os alquimistas pretendiam? Qual era o objetivo deles? Podemos dizer que, em se considerando os alquimistas “verdadeiros”, *“a Alquimia não é simplesmente uma arte ou uma ciência que ensina a realizar a transmutação de uns metais em outros, mas sim uma ciência sólida e verdadeira, que ensina a conhecer o centro de todas as coisas, o que na linguagem divina se denomina o Espírito da Vida.”* (Pierre-Jean Fabre, *Les Secrets Chymiques*, Paris, 1636.)

A Alquimia é muito conhecida pela famosa transmutação do chumbo em ouro. Isso, de fato, confundiu muitas pessoas — e ainda confunde —, pois muita gente não imagina que a Grande Obra vai muito além do seu objetivo material. A verdade é que a Grande Obra — o Magnum Opus — objetiva tanto a realização material quanto a espiritual, embora o processo de transmutação seja uma parte essencial desta Obra.

Alguns estudiosos afirmam que a Alquimia é uma disciplina absolutamente espiritual, enquanto outros alegam que sem a prática de laboratório não é possível a realização alquímica. Vamos ver adiante que ambos os aspectos da Arte são importantes e que o ideal é a realização das duas, embora não seja “errado” ou “insuficiente” praticar uma ou outra.

O que realmente devemos levar em conta ao pensar nesses aspectos é que existem correspondências muito concretas — eu diria, fundamentais — entre o visível e o invisível, o superior e o inferior, a matéria e o espírito, os planetas e os metais. A Alquimia está o tempo todo trabalhando com essas correspondências.

Nas palavras de Eliphas Lévi:

“A Grande Obra consiste, por cima de tudo, em que o homem acredite em si mesmo, ou seja, que domine total e absolutamente as suas faculdades e o seu futuro.”

Os alquimistas — em especial aqueles que menosprezavam a riqueza e os elogios — buscaram encontrar a Medicina Universal nos seus laboratórios alquímicos. Era o que eles chamavam de Panaceia que, ao ser totalmente sublimada se converte na Fonte da Juventude ou Elixir da Vida, a Chave da Imortalidade, tanto no sentido espiritual quanto no sentido físico.

De acordo com os alquimistas sinceros, o Elixir não serviria apenas para curar as doenças, eliminando suas causas pela raiz, mas também poderia fazer com que o corpo rejuvenescesse e se convertesse em um “corpo de luz” incorruptível.

“A ciência da Alquimia, sagrada, secreta, antiga e profunda, também denominada arte real ou sacerdotal e filosofia hermética, esconde atrás de textos e emblemas enigmáticos os caminhos para penetrar nos segredos

mais profundos da natureza, da vida e da morte e da unidade, da eternidade e do infinito.” (...)

A Alquimia não pode se reduzir a um único sistema de pensamento, nem tampouco a uma única interpretação simbólica, já que transcende todas os dogmas e todas as religiões. Não devemos esquecer que em um momento ou outros, algumas vezes alternando-se e outras simultaneamente, esta Arte foi praticada por chineses, hindus, gregos, árabes e egípcios.

Todos eles contribuíram em dar-lhe a forma que, finalmente, apresentava na idade média; a partir desse momento a chamada evolução do pensamento alquímico foi superficial e em grande medida ilusória.” (1)

Obscurantismo do Simbolismo Alquímico

Embora seus objetivos sejam, no mínimo, muito interessantes — transmutar chumbo em ouro ou obter o Elixir da Longa Vida —, os textos alquímico contém um grande número de estratagemas. Para os leigos, eles eram totalmente inúteis, uma vez que estes não tinham o conhecimento por trás de todos os símbolos e metáforas que tinham o objetivo de tornar a linguagem tão obscura e inacessível que seriam necessários anos de estudo e dedicação.

Se você está começando agora a estudar Alquimia, vai perceber que esse caráter “secreto” é uma das suas bases. Vai perceber também que a capacidade de compreender o que os símbolos alquímicos dispostos nos mais diversos emblemas quer dizer, desenvolve-se à medida que nos aprofundamos nos estudos.

Mais do que nunca, podemos dizer que a Alquimia é para os despertos. Não “despertos” no sentido moderno, mas no sentido intuitivo. A Alquimia é para aqueles que veem além dos símbolos, além da materialidade.

Por que a Alquimia se envolveu em tanto mistério? Por que sua linguagem é simbólica e somente os iniciados são capazes de compreendê-la?

Tanto os céticos quanto aqueles que acreditavam na Alquimia, afirmaram que se os alquimistas tivessem revelado o verdadeiro objetivo da Arte, teriam sido perseguidos, afinal, suas ideias e crenças não eram nada convencionais. Desse modo, podemos supor que um dos motivos que levaram os alquimistas a se comunicarem de forma simbólica foi o receio de represálias.

Mas, há quem diga que a linguagem oculta da Alquimia tem também outro motivo. De certo modo, esse “caráter oculto” era de certo modo necessário para assegurar que o conhecimento alquímico não caísse em mãos enganosas. Afinal, como disse Platão: “É preferível a ignorância absoluta que o conhecimento em mãos inadequadas”.

Alquimia extrovertida e introvertida

Ao longo da história da Alquimia, podemos registrar duas grandes oposições: a Alquimia extrovertida e a Alquimia introvertida. Sempre houveram tratados alquímicos mais focados na parte “concreta” com ênfase ao que podemos chamar de “receitas”. *Use isso e aquilo em tais quantidades; verifique se o material está limpo e o misture de tal e tal maneira.*

Assim como também haviam desenhos e esquemas voltados para a construção de materiais usados em laboratório, como fornos, copos, vasos, retortas. Esse seria o que podemos chamar de lado “extrovertido” da ciência alquímica.

Em contrapartida, a visão “introvertida” da ciência está voltada para as pressuposições subjetivas e teóricas que envolvem a prática, a presença de uma consciência do estado interior do alquimista.

Essa visão extrovertida, inclusive, foi-se desgastando tanto com o tempo que chegou a um limite. É o que ocorre com a física moderna que chegou ao ponto de descobrir coisas que demandam um raciocínio sobre teorias mais subjetivas. Do contrário, toda a experimentação passa a perder o sentido.

É o caso do experimento que comprova que não se pode excluir o observador do experimento (física quântica). Falando de um ponto de vista alquímico, poderíamos chegar à conclusão, inclusive, que não só não se pode excluir o observador, mas também deve-se considerar no experimento suas condições subjetivas.

É interessante aqui fazermos uma reflexão: trabalhando no exterior, criamos possibilidades de trabalho interior. É como se a Alquimia, de fato, estivesse no seu sentido completo após essa junção do “extrovertido” com o “introvertido”; da influência grega com a egípcia.

Por muito tempo o aspecto extrovertido esteve em alta, tanto que culminou no que a ciência moderna vive hoje. O que se pode experimentar externamente necessita de uma investigação interior. Necessita do aspecto “introvertido” para fazer sentido.

Por essa razão, pode-se dizer que estamos, atualmente, na iminência de retornar à tradição mais introvertida. Zósimo, por exemplo, assim como o místico *Mohammed Ibn Umail*, são exemplos de alquimistas que tinham

uma abordagem mais introvertida da Alquimia. E no que esses homens, assim como tantos outros que, por ventura adotaram a abordagem extrovertida, acreditavam?

Que o mistério que estavam tentando descobrir — o mistério da estrutura do universo — estava neles mesmos, em seus próprios corpos e naquela parte de sua personalidade que chamamos de “inconsciente”. Pensavam, ainda, que em vez de trabalhar com materiais externos, poderiam olhar para dentro de si e obter diretamente informações provenientes do mistério da existência cósmica e, portanto, examiná-lo diretamente.

Foram — e são — os introvertidos que experimentavam-se a si mesmo e faziam isso diretamente por meio do que chamavam meditação. Eles acreditavam e enfatizavam que não se deve apenas fazer experiências exteriores, mas também intercalar o trabalho com momentos de introversão por meio de preces e meditação.

Um fato bastante interessante é que a matéria, vista principalmente sob a perspectiva do alquimista introvertido, é o que hoje, em termos junguianos, podemos chamar de inconsciente coletivo.

Aspectos históricos da alquimia

Como já foi dito, existem muitas especulações sobre as origens da Alquimia. A verdade é que não se sabe onde e como ela surgiu. Tudo o que se tem de notícias são informações imprecisas e discutíveis. Existe, inclusive, o mito de que a Alquimia teve sua origem e conhecimentos de uma antiga civilização, já extinta.

Acreditava-se que os conhecimentos estavam impregnados no inconsciente coletivo de todas as civilizações ou que foram transmitidos por poucos sobreviventes, fazendo com que a Arte sobrevivesse ao tempo. Mas, não há evidências que comprovem tais coisas. Sendo assim, cabe-nos trabalhar com a historicidade que se tem notícia.

Grande parte do que se sabe da Alquimia remonta a uma época que data do início do século II da era Cristã e que se estendeu até o século VI. Datam também desse período os primeiros manuscritos egípcios (escritos em grego ou em copta) que se tem notícia. Neste período, a Grande Obra era praticada em Alexandria.

Entretanto, é senso comum entre historiadores — especializados e não especializados — que a Alquimia ingressou no ocidente por meio da expansão muçulmana. Inclusive, segundo Robert Mantran, em sua obra sobre esta expansão, muitos aspectos da vida dos muçulmanos tinham relação com os estudos alquímicos.

Boa parte do que se pode encontrar sobre a origem e o surgimento da Alquimia faz referência aos árabes. Inclusive, em sua maior parte, ela foi transmitida à cristandade por eles. Por isso, seria injusto não citar essa como uma contribuição primordial para a Alquimia como a conhecemos hoje.

“O mito é o método de legitimação mais comum quando não há uma história ‘oficial’ para um determinado fato.”^[1]

No que se refere à alquimia ocidental, a figura de Hermes Trismegisto, o “Três Vezes Grande”, é bastante associada à Arte Régia pelos alquimistas. Figura essa que tem sua origem na conversão das culturas egípcia e grega. Na mitologia egípcia temos Thot, considerado o escriba dos deuses; que na mitologia grega era Hermes. Foi então que surgiu uma imensa literatura grega em torno deste mito.

Na idade média, os escritos herméticos circularam bastante pelo ocidente em sua versão grega até serem traduzidos para o latim. Foi neste período que esses escritos tiveram grande valorização, com várias traduções, inclusive do árabe para o latim; assim como diversas citações por autores medievais de renome, como Alberto Magno, William de Auvergne, Roger Bacon e outros.

Com tanta valorização, especialmente pelo Renascimento, a obra hermética — e com ela a Alquimia — ficou em evidência. Tanto que Cósimo de Médici, ao conseguir direto da Macedônia os manuscritos gregos do “[*Corpus Hermeticum*](#)”, ordenou que Marsílio Ficino lhe desse atenção especial e traduzisse a obra hermética.

Diante do que podemos notar, é seguro dizer que, embora não existam fontes seguras da origem da Alquimia, ela possui uma raiz no oriente (uma vez que, embora não citada nesta introdução, a alquimia chinesa teve seu destaque), e um passado que mistura elementos de duas grandes e importantíssimas culturas: grega e egípcia.

Após o Renascimento do século XII — quando teve o seu apogeu —, aconteceu o que podemos chamar de ocidentalização da Alquimia, quando ocorreram grandes traduções e muita atenção voltada para a Arte Régia.

Isso mostra que, embora mística e considerada por alguns obscura, a Arte conquistou seu lugar nas conjecturas da história.

“Para fazer jus à Arte Real, poder-se-á recorrer à estruturação tripartida tão cara aos herméticos: segundo estes, a sua vertente anímica localizar-se-ia na Alexandria egípcia. Mas o seu corpus, a imensa riqueza de vivência prática, de saber técnico, de nomes em código e aforismos e imagens alegóricas, deve-o à continuidade árabe. E finalmente, o seu espírito mergulha na filosofia natural grega, cujos fundamentos teóricos foram criados no século V a.C.” (2)

Adiante, vamos conhecer alguns aspectos importantes do Magistério (outro nome dado à Alquimia) e dos seus processos, pois serão importantes no estudo dos seus símbolos e emblemas.

Objetivos da Alquimia

A alquimia é a forma de conhecimento que aspira a transformação psicológica e espiritual do indivíduo através do domínio das energias criativas que empregam na natureza e na mente. Certamente, você já ouviu falar que sua finalidade era a conquista da Pedra Filosofal ou a transmutação do chumbo em ouro, ou ainda, a criação do Elixir da Longa Vida como, inclusive, já falamos anteriormente.

Os que dedicaram-se à Grande Obra no passado e aqueles que ainda hoje continuam a praticá-la, concordam que os seus objetivos fundamentais são: *“a pesquisa da transmutação metálica, associada à de uma iluminação que revele ao adepto os segredos divinos das leis cósmicas, e a procura de elixir da longa vida, com vistas à vitória sobre as doenças, o envelhecimento e a morte”*. (3)

Embora o aspecto extrovertido, como falamos no início do capítulo, seja bastante popular, com suas receitas e fórmulas secretas, visando transformar o chumbo em ouro, seria incorreto acreditar que esse fosse o único objetivo visado. A existência do aspecto filosófico, psíquico e espiritual da Alquimia é inegável. A presença desse aspecto introvertido é comprovado por textos e pela extensa iconografia que chegou até nosso tempo e que é, inclusive, objeto do nosso estudo neste e-book. O fato é que na maioria das vezes o alquimista trabalha no laboratório e no oratório ao mesmo tempo. Diante disso, podemos dizer que a alquimia é uma arte filosófica, uma forma diferente de ver o mundo.

“As operações, os processos, as metamorfoses descritas dizem respeito, ao mesmo tempo, ao que o alquimista realiza em seu laboratório e às etapas sucessivas de uma ascese psíquica e espiritual (é o chamado

trabalho de oratório). Esses dois aspectos são, de fato, indissociáveis...”
(3)

Já dizia Eugène Canseliet:

“Assim o filósofo, ao tornar-se adepto, penetra no plano divino, entra no eterno presente e recebe aí o Conhecimento infuso, ao mesmo tempo que o poder de prolongar sua existência sobre a terra além dos limites concedidos aos humanos.”

Qualidades elementares da alquimia

A primeira delas é o **Frio**, a origem da fixação, cujo efeito é o de coagular ou de cristalizar a matéria, em detrimento do princípio da expansão que está no calor. O frio, como qualidade elementar da Alquimia, manifesta-se por uma ausência — total ou parcial — da vibração. Sua ação é adstringente, cristalizadora, fixadora.

A segunda qualidade é o **Úmido**, cuja vibração é de natureza atrativa, relaxante, amaciante, instável, mutável, umectante, que “penetra nos átomos”, une os heterogêneos e divide os homogêneos, provocando a desagregação da matéria ou sua involução.

A terceira qualidade é o **Seco**, considerado a origem da reação, que se manifesta por uma vibração de natureza retentora, irritante, que contraria e retém a impulsão dada. Sua ação é retrativa.

Por fim, a quarta qualidade, o **Calor**, que é de origem masculina e traduz-se por uma vibração de natureza dilatante, expansiva, que provoca a evolução dos átomos. Não é à toa que sua ação é estimulante, vitalizante e dinâmica.

Mas e no homem, como agem essas qualidades?

- Frio: ceticismo, egoísmo, impassividade, desejo ativo de submissão;
- Úmido: passividade, assimilação, variação, desejo passivo de submissão;
- Seco: reação, retenção, desejo passivo de dominação;
- Calor (Quente): expansão, ação, entusiasmo, desejo ativo de persuasão.

Deuses na Alquimia

Apesar de não ser possível fixar realmente quando surgiu a Alquimia, é quase unânime a opinião de que sua origem remonta ao Antigo Egito. Segundo alguns autores relatam, naquela época a Arte era considerada um “presente dos deuses”. Conta a lenda que em um período muito remoto da história egípcia, um contingente de seres divinos se estabeleceu no Egito e exibiu uma tecnologia espiritual bastante avançada, cujo objetivo era a transformação da matéria. Esses “visitantes angelicais” foram os primeiros alquimistas.

Mas afinal, quem eram esses seres angelicais? Segundo Zósimo, um dos pais da Alquimia, que viveu em Alexandria por volta de 300 d.C., “os anjos caídos que tiveram filhos com humanos ensinaram Alquimia à humanidade e todas as artes da natureza”. (9)

Além de Zósimo, “Clemente de Alexandria também defendeu que os visitantes mostraram e ensinaram os segredos dos metais, entenderam as virtudes das plantas e a força do seu aprendizado estendeu-se até mesmo à ciência das estrelas.” (9)

O texto egípcio “**Ísis, a Profetisa de seu filho Hórus**”, conta que a deusa ensinou os princípios da Alquimia ao seu filho e lhe conta como adquiriu suas habilidades. Segundo conta a lenda, ela aprendeu com um dos visitantes que, encantado com sua beleza, a ensinou os segredos alquímicos. Sendo assim, segundo a lenda, Ísis foi uma das primeiras iniciadas na Alquimia.

Estudando a Arte, muitas vezes vemos associações a deuses e lendas que envolve-os nos mistérios alquímicos. Assim como Ísis, outros são citados e fazem, inclusive, parte do Simbolismo Alquímico. É o caso dos

deuses que representam planetas e substâncias, como Mercúrio, Vênus, Saturno, Marte e Júpiter.

Não sabemos nem podemos determinar se os mitos antigos que envolvem a origem da Alquimia e sua relação com deuses egípcios e os “visitantes angelicais” contêm, de fato, alguma verdade literal, mas não há dúvida que os alquimistas sentiram que transmitiam profunda sabedoria sobre a verdadeira origem de seu ofício.

Capítulo 2 – Por que estudar Alquimia?

Afinal, por que você deveria dedicar tempo ao estudo da Alquimia, uma arte antiga, de linguagem decodificada e que muitas pessoas hoje em dia acreditam não ter nenhuma relevância?

A questão é que, embora a Alquimia remonte a pelo menos 2000 anos, diferentemente do que os céticos acreditam, ela tem muito a oferecer ao homem e ao mundo modernos. Você vai perceber, ao estudar Alquimia, que ela tem muita relevância, pois os princípios universais descobertos — e utilizados — pelos alquimistas aplicam-se não só ao reino físico, mas também aos reinos mental e espiritual.

Não é à toa que várias áreas de estudo, como a psicanálise junguiana, dedicaram-se — e ainda dedicam-se — ao estudo sério da Alquimia e do seu simbolismo. Ela é útil ao buscador que deseja a transmutação da consciência, mas também aos mais diversos setores da vida, desde o social, o profissional e o emocional.

Costumo dizer que a Alquimia está em tudo e que a própria vida é uma experiência alquímica. Uma experiência evolutiva onde estamos constantemente nos transformando. Ao estudar as etapas e operações alquímicas, percebemos que os mesmos processos se aplicam tanto à matéria quanto à mente e a consciência.

Estudar Alquimia é útil porque aprendemos a utilizar essas etapas, métodos e princípios na nossa vida nos mais diversos setores, em especial no laboratório secreto da nossa alma, para que possamos fazer as transformações que desejamos.

É interessante que percebemos que existe uma espécie de “química oculta da mudança” por opera por trás de uma enorme variedade de

assuntos, desde a transformação psicológica às formação das estrelas e planetas. A natureza opera da mesma maneira na matéria e na consciência, e isso é o que muitas pessoas — em especial entre aquelas céticas — não conseguem admitir: que existe um processo único que opera independentemente de estarmos trabalhando com a matéria ou com a alma.

Capítulo 3 – A Alquimia na antiguidade

As origens da Alquimia estão envolvidas em lendas e muito mistério. Já vimos que não se sabe ao certo onde e quando ela surgiu. O que parece é que os primeiros livros sobre o assunto surgiram todos de um só vez, numa mesma época, como eles estivessem trancadas e escondidos e foram subitamente liberados.

Outro ponto interessante é que no início do primeiro milênio, explodiu na consciência humana os princípios alquímicos e essas mesmas ideias continuam nos inspirando até hoje.

Mas, os verdadeiros alquimistas consideram que a origem do seu ofício está no “céu” e não nos livros, e os escritos egípcios parecem apoiá-los nisso, pois pergaminhos de mais de três mil anos descrevem os tais “visitantes do firmamento” como aqueles que vieram ao Egito e compartilharam diversos conhecimentos, incluindo o da Arte Alquímica. Esse documento é o que hoje conhecemos como “Tábua de Esmeraldas”, que contém um resumo sucinto dessa sabedoria tão antiga.

Os primeiros livros conhecidos sobre Alquimia surgiram, curiosamente, simultaneamente na China, Índia, Egito e Mesopotâmia, há dois mil anos. A maioria dos historiadores modernos datam o surgimento da Alquimia a esse período. Essa era a época da Biblioteca de Alexandria e também época em que os navios que visitavam a região carregavam os manuscritos alquímicos ao redor do mundo.

O que é curioso é que, embora esses sejam considerados os primeiros livros sobre Alquimia, acredita-se que existiram outros anteriores a eles. O motivo é que essas obras citavam escritos ainda mais antigos, inclusive,

alguns deles se referem a uma tradição perdida que remonta ao início da civilização.

Diante disso, como alegar que a Alquimia surgiu no primeiro milênio? Acredito que esse seja o maior dos mistérios e que assim vai continuar.

O que podemos dizer é que por volta do ano 300 d.C., os princípios da Alquimia difundiram-se pelo mundo e foram amplamente aceitos filósofos, artesãos e até mesmo padres, em nações civilizadas ao redor de todo o mundo. Naquela época, diversos pergaminhos, tábuas de argila e papiros tratavam dos princípios e processos alquímicos. No entanto, até hoje, o que podemos dizer da verdadeira fonte desse conhecimento é que ela permanece desconhecida.

Apesar dessas referências terem sido encontradas em pergaminhos egípcios que data de 1500 a.C., o suposto cânone de onde se originou esses princípios nunca foi encontrado. O interessante é que os primeiros manuscritos de alquimia que sobreviveram são incrivelmente semelhantes, como se derivassem de uma mesma fonte.

Todos eles estão escritos em um estilo estranho e bastante complicado, com referências obscuras, conceitos pré-existentes, além de várias cifras secretas e símbolos enigmáticos. Se tem gente que considera o simbolismo alquímico obscuro, imagina o que diriam deste manuscritos tão antigos.

A Tábua de Esmeraldas

Antes de falar da Tábua de Esmeraldas, é importante mencionar o que ficou conhecido como os Pilares de Hermes. De acordo com o que conta a lenda, Thot preservou seus escritos dentro de dois grandes pilares pouco antes da grande inundação que ocorreu no mundo.

Somente milhares de anos depois esses pilares foram descobertos e os escritos de Hermes também. De acordo com os egípcios, um dos pilares foi descoberto na cidade de Heliópolis, enquanto o outro estava em Tebas. Conta a lenda que tratava-se de colunas maciças, cheias de hieróglifos.

Quando abertos, esses pilares continham escritos inestimáveis e, dentre eles, a nossa Tábua de Esmeraldas, considerada pelos alquimistas antigos como um “texto alquímico por excelência”. A tábua cristalina verde continha um resumo sucinto dos escritos de Thot e delineava uma nova filosofia para o Universo.

Com o passar do tempo, os sacerdotes egípcios mantiveram a tábua — e outros escritos — escondidos, mas foi possível identificar vários trechos em outros escritos, como no [Papiro de Ani](#) (1250 a.C.) e outros pergaminhos que datavam de 1000 a 300 a.C.

Em 332 a.C., Alexandre, o Grande, tornou-se faraó e tomou conhecimento da Tábua de Esmeraldas e outros escritos de Thot. De acordo com documentos históricos, Alexandre viajou para Siwa e recuperou os escritos de Thot, levando-os para Memphis e depois para Heliópolis.

Estudiosos do hermetismo ao longo da história acreditavam que Alexandre construiu a grande biblioteca de Alexandria principalmente para abrigar e para estudar os escritos recentemente descobertos. Infelizmente, pouca coisa “sobreviveu” à destruição da biblioteca.

Em 331 a.C., Alexandre deixou o Egito e foi para o norte da Capadócia, local onde, segundo relatos, ele pegou os tesouros dos Pilares de Hermes e guardou em uma caverna na própria Capadócia. No entanto, após várias conquistas, ele morreu em 323 a.C. em uma viagem. Seu grande desejo era ser enterrado próximo ao templo de Siwa, mas nunca se soube onde ele foi enterrado.

Segundo conta a lenda, a Tábua de Esmeraldas, junto com outros escritos guardados por Alexandra, o Grande, foi encontrada na Capadócia em 32 d.C, por um jovem chamado Balinas, da cidade de Tyana. Mais tarde, ele ficou conhecido com Apolônio de Tyana, um estudioso com habilidades mágicas e de cura.

Diz-se que ele devolveu a Tábua de Esmeraldas para Alexandria por volta do ano 70 d.C, e passou a residir na cidade, onde escreveu muitos livros e inspirou muitas pessoas com sua grande sabedoria.

Quanto à Tábua, alguns relatórios registram que ela foi enterrada por segurança em um cofre no planalto de Gizé, por volta de 400 d.C. No entanto, nenhum vestígio foi encontrado dela, embora muitas expedições tenham sido realizadas com o objetivo de encontrá-la.

Nota:

A primeira tradução sobrevivente da Tábua de Esmeraldas está no livro Árabe *The Book of Balinas the Wise on Causes*, que foi escrito por volta de 700 d.C. A primeira tradução da Tábua para o latim apareceu em 1140, em um livro de Johannes Hispalensis, chamado *Book of the Secrets of Creation*. Depois que o alquimista Albertus Magnus publicou várias traduções em meados de 1200, a Tábua de Esmeraldas se espalhou, e a maioria dos alquimistas tinha uma cópia. (9)

Capítulo 4 – Os Quatro Elementos e a Quintessência

São quatro os Elementos que consideramos ao estudar Alquimia: Água, Terra, Ar e Fogo (materiais). Tem ainda o éter, que é considerado imaterial e que rege os demais. Quando estudamos a Arte Régia eles são pautas essenciais. Deste mesmo modo, é necessário o entendimento básico sobre eles no estudo do Simbolismo Alquímico também, uma vez que estão amplamente presentes em toda sua iconografia. Por muitas vezes, veremos representações deles nos emblemas.



Toda composição e geração é feita a partir dos quatro Elementos: Johann Daniel Mylius, Philosophia reformata, Frankfurt, 1622.

Sabiamente disse Nicolas Flamel:

“Saiba então que nossa Ciência consiste no conhecimento dos quatro Elementos, cujas qualidades reciprocamente se transformam umas nas outras; a esse respeito, os Filósofos^[2] compartilham um sentimento semelhante. E saiba ainda que em todas as coisas, criadas sob o Céu, existem quatro Elementos, não visíveis a olho nu, mas que de fato existem.”

Platão também tinha uma opinião a respeito. Segundo ele, a terra é mutável e os outros elementos são transformados uns nos outros.

Os quatro Elementos compõem nossa realidade material. O símbolo do Fogo é um triângulo apontando para cima. Ele busca sair devido suas qualidades secas e quentes. A Água, que tem como símbolo o triângulo apontando para baixo, busca descer e condensar devido suas qualidades frias e úmidas. Esses dois elementos — Fogo e Água — são os mais puros e, se não fossem contidas as suas expressões, o primeiro desapareceria no Acima e o segundo seria absorvido no Abaixo.

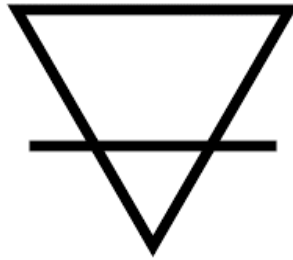
O símbolo da Terra é um triângulo apontando para baixo com uma linha horizontal através dela. O símbolo do Ar, por sua vez, é um triângulo apontando para cima com uma linha horizontal através dele. A Terra é fria e seca. Ela busca descer, mas seu componente seco impede sua descida total. O Ar é quente e úmido e busca subir, mas seu componente úmido impede sua subida total.

Ao estudar os quatro Elementos, é importante ter em mente que eles não representam suas expressões físicas. Eles são essências espirituais que se originam no reino superior, ou seja, no Acima, e representam imagens perfeitas ou ideais cósmicos.

No Hermetismo, os quatro Elementos resultam da materialização da luz ou do imaginário dentro da divina Mente Única do universo.

A seguir, vamos conhecer cada um dos quatro Elementos.

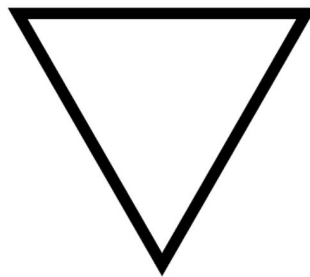
Terra



Trata-se de um elemento considerado de polaridade feminina. Por isso, está associado à fertilidade, à matéria, à origem do homem como espécie e sua ligação com a natureza.

Na Astrologia, os signos de terra são: Touro, Virgem e Capricórnio. Trata-se de um elemento que ativa o desenvolvimento de ideias, a fome e alegria pela vida, o prazer espiritual.

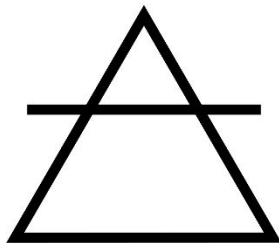
Água



Também de polaridade feminina, a água está associada às emoções, aos sonhos, às mutações e ao inconsciente. Na Astrologia, os signos de água são Câncer, Escorpião e Peixes.

Este elemento está associado ao sentimento, à via emocional. É responsável por aquele sentimento “bom ou mau” em determinadas situações ou ao contato com certas pessoas. É um elemento ligado ao subjetivo, ao profundo e que ativa a tomada de decisões, a manipulação das emoções e a meditação.

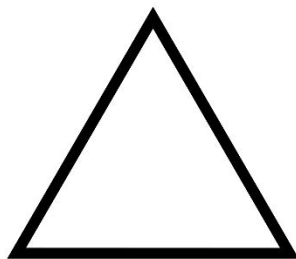
Ar



Sua característica marcante é o pensamento, de onde vem a capacidade de elaborar coisas intelectualmente, raciocinar e relacionar-se com coisas e pessoas.

É um elemento abstrato, que tem como qualidades a capacidade de ver o ponto de vista dos outros, a objetividade, e boas maneiras diante da vida. Ele ativa a clareza de ideias, a inteligência e a memória. Na Astrologia, os signos de Ar são Gêmeos, Libra e Aquário.

Fogo



A ação reativa e irritante do Seco sobre o Calor dá origem ao Fogo, que é o princípio da dinamização violenta e ativa. Trata-se de um elemento de polaridade masculina, que tem poder transformador. O fogo tem a capacidade de destruir o que está desgastado para dar lugar a algo novo.

Psicologicamente, estimula a intuição e a percepção. É um elemento extra-sensorial, ligado à sexualidade, alegria, entusiasmo, espontaneidade, vitalidade e senso de liderança. Ativa a agressividade, o bem-estar físico e o aumento da energia. Na Astrologia, os signos de Fogo são Áries, Leão e Sagitário.

Para os alquimistas, o Fogo é Elemento de grande importância, pois é o agente universal de transformação. Inclusive, não existiria a Alquimia sem a ação deste elemento, pois como Paracelso disse: *“Alquimia é apenas o que torna o impuro puro por meio do Fogo.”*

A Quintessência

Apesar de ser chamada de quinto Elemento, a Quintessência não é considerada um dos Elementos. Ela está além deles, tanto na sua forma quanto na sua função. Isaac Newton disse que a Quintessência era algo espiritual, penetrante, uma espécie de formigamento que emerge dos quatro Elementos quando eles estão reunidos.

Ela é vista como algo que transcendeu as limitações dos quatro Elementos. Paracelso acreditava que as estrelas são feitas da Quintessência, essa luz luminosa que é invisível à visão comum e que participa de realidades materiais e espirituais. Ainda segundo Paracelso, tudo tem uma estrela oculta, que é a sua Quintessência.

Interessante destacar que a Quintessência está presente em várias tradições espirituais. Na Alquimia taoísta é o “Chi”, na Alquimia chinesa é a madeira, na Alquimia tântrica é a Kundalini e na Alquimia hindu é o prana.

Capítulo 5 – Os Princípios Filosóficos

No estudo da Alquimia, além da referência aos quatro Elementos e da Quintessência, você vai se deparar com os chamados “Princípios Filosóficos”: Enxofre, Mercúrio e Sal.

Assim como os quatro Elementos não representam as substâncias em si, o mesmo acontece com os princípios. Considerado a **Tria Prima de Paracelso**, *não se trata de modo algum de qualquer espécie de substâncias químicas, e sim de forças espirituais atuantes.* (2)

O alquimista, no caminho ao seu objetivo final, utiliza vários símbolos para expressar seus princípios e métodos. Como os quatro Elementos e os Princípios Filosóficos são constantemente utilizados na iconografia alquímica, é importante termos o mínimo de conhecimento sobre eles.

Vamos ver no decorrer das análises dos emblemas, que esses princípios são bastante representados, principalmente o Enxofre e o Mercúrio, descritos como a dualidade ou polaridade cósmica, geralmente representados pelo homem e pela mulher, o Rei e a Rainha, o noivo e a noiva, o leão e a leoa, o Sol e a Lua, o azul e o vermelho.

Mas afinal, o que são esses princípios?

Como dito, longe de serem as substâncias enxofre, mercúrio e sal em si, trata-se de princípios, onde Enxofre é Alma, Mercúrio é Espírito e Sal é Corpo (alguns dizem que é a energia vital que une a alma e o corpo).

Sendo representações da dualidade cósmica, Enxofre e Mercúrio são os opostos masculino e feminino que reconciliam-se no Sal para existirem na forma material. Em outras palavras, todo corpo (Sal) carrega seu

princípio masculino (Enxofre) e Feminino (Mercúrio). "*Porque Mercúrio é o espírito, enxofre é a alma e sal é o corpo*".^[3]

Na Grande Obra, o alquimista trabalha esses três princípios através dos processos de dissolução e coagulação. O objetivo desses processos é a libertação da alma (Enxofre) e do corpo (Sal), por intermédio do Espírito (Mercúrio) para que alma e corpo sejam purificados.



O que está solto e o que está preso, ou mercúrio e enxofre sob a imagem de uma águia e um sapo. D. Stolcius v. Stolcenberg, Viridarium chymicum, Frankfurt, 1624.

É importante destacar que todas as coisas que existem contêm esses três princípios. Para melhor compreensão, vamos mostrar cada um. "*Toda semente é tríplice, ou melhor, contém três substâncias misturadas, já que tudo o que existe na semente está junto e não dividido. Por isso a semente representa a própria junção da unidade. Assim, quando encontramos madeira, cortiça e raízes em uma noz, compreendemos que, apesar dessas*

três coisas estarem efetivamente presentes, a realidade da semente faz com que essas três coisas pareçam unidas." (12)

Enxofre

Esta substância representa a alma individual e a força expansiva. Nas fórmulas químicas e alquímicas, o símbolo do Enxofre foi usado para descrever a evaporação e a dissolução. Suas qualidades são inflamáveis e quentes como uma metáfora das aspirações da humanidade. O próprio símbolo retrata o Fogo acima da matéria e denota a atividade da alma. A chama da alma dentro do homem se eleva acima dos limites da matéria. É essa natureza ativa do Enxofre que permite a existência de movimento.

O Enxofre é a alma, ou, a consciência da matéria. Para melhor entendimento, a consciência é a causa atuante de uma vida individual. É preciso ela para que exista a individualidade.

Mercúrio

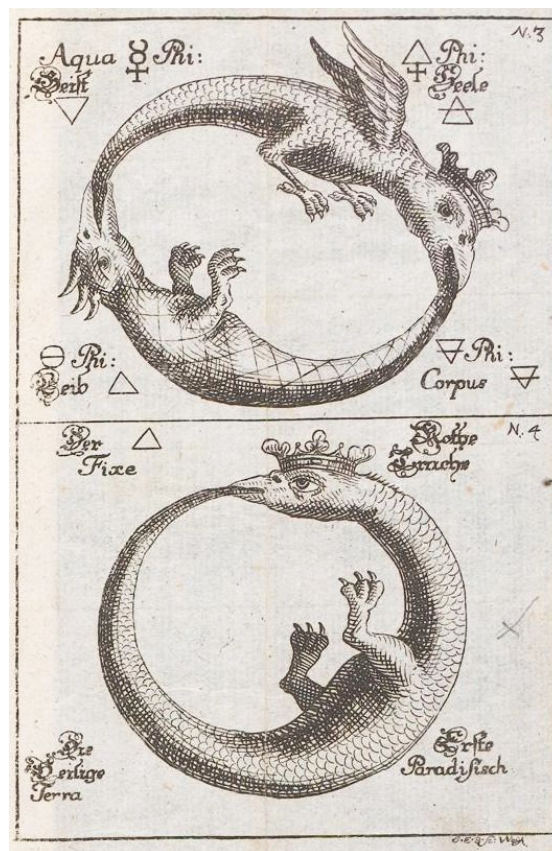
Na perspectiva alquímica, o Mercúrio é considerado o espírito de qualquer material. Por espírito, entende-se por Mente — poder inerente da consciência. O Mercúrio é a parte de qualquer material que organiza o Logos, que existe inerentemente na Consciência, que é nosso Enxofre alquímico.

De acordo com os gregos, Logos era considerado um diálogo divino que Deus tinha dentro de si. Desse modo, podemos notar que Mercúrio e Enxofre estão bastante ligados, sendo a Mente e a Consciência agindo como “uma” para manifestar a natureza. Entretanto, Mente aqui não assume a

posição de ego, e sim a Mente que organiza o Logos, que age para manifestar a natureza.

Não é à toa que na simbologia alquímica Mercúrio e Enxofre são “feitos um para o outro” e representados como amantes, noivo e noiva, intimamente unidos. São esses os princípios que incorporam os arquétipos de masculinidade e feminilidade.

A relação entre Mercúrio e Enxofre é realmente complexa. Essa união foi muitas vezes representada pelo ouroboros, a imagem de uma cobra que devora a própria cauda ou de duas devorando a cauda uma da outra. A imagem ajudou a demonstrar esse movimento — de Enxofre e Mercúrio, Consciência e Mente — no domínio da consciência.



É chamada Uróboro. Em copta, Ouro significa rei, e em hebreu ob significa serpente. A. Eleazar, Donum Dei, Erfurt, 1735.

Já notamos que Enxofre e Mercúrio andam juntos e, unidos, têm o poder de criar Sal ou um corpo. Isso se dá porque Enxofre coagula Mercúrio. Consciência coagula mente.

Usando o poder da Mente (Mercúrio), a Consciência (Enxofre) organiza e encarna os pensamentos, dando realidade concreta a eles, que não têm existência concreta. É aí que ocorre a geração do Sal. Olhando numa perspectiva bem “*new age*”, o Enxofre materializa aquilo que temos na Mente, nossos pensamentos.

O símbolo de Mercúrio é o mais abrangente: uma lua crescente está no topo, representando um receptáculo; o círculo é um símbolo do infinito; e a cruz em sua base simboliza a matéria. Juntos, esses símbolos denotam luz (lua crescente) brilhando a natureza infinita de Deus (círculo) que é canalizada através da matéria (cruz) o corpo.

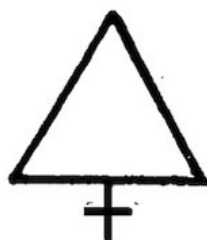
Sal

Por fim, o Sal simboliza o corpo físico e a matéria através do qual a alma e sua força vital funcionam. É matéria básica, propriedade solidificante que corresponde ao corpo. O Sal é a força constrictiva, o oposto do Enxofre, e exhibe o processo de condensação e cristalização na química.

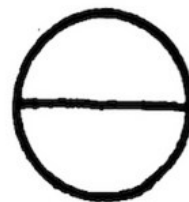
Esta substância alquímica representa a matéria em uma forma completa, sem divisão. Em relação ao seu símbolo, a linha horizontal dentro de seu círculo infinito interno representa tempo, limitação e vida dentro do contexto do espírito eterno.



Mercúrio



Enxofre



Sal

"Deveria ser sabido que a vida das coisas não é outra coisa que uma coisa espiritual. Por essa razão, não há nada corporal, mas latente em si um espírito e uma vida, que, como acabei de dizer, nada mais são que coisas espirituais. Mas não apenas as vidas que se movem e agem, como homens, animais, vermes na terra, pássaros sob o céu, peixes no mar, mas também todas as coisas corporais e substanciais.

Por aqui devemos saber que Deus, no início do criação de todas as coisas, não criou corpo algum sem seu próprio espírito, que o espírito contém segundo uma maneira oculta dentro de si. Pois o que é o corpo sem o espírito? Absolutamente nada. Então é que o espírito mantém oculto em si a virtude e o poder da coisa, e não o corpo." (4)

Estudar os Princípios Filosóficos da Alquimia é de grande importância, visto que "o ponto culminante da Obra é o momento da *conjunção*, que é a união do princípio masculino (Enxofre) e do feminino (Mercúrio) representando o enlace do céu e da terra, do espírito ígneo e da matéria aquosa". (2)

De acordo com Dennis Willian Hauck, "O Sal representa a fixação, a materialização e a formação de corpos, e incorpora essas características que associamos à ideia de massa ou matéria" (9).

Os alquimistas consideram o Sal a Prima-Matéria, que aparece tanto no início quanto no final da Obra. É a matéria corrompida e imperfeita, que deve ser destruída e dissolvida para liberar suas essências, para que possam ser purificadas e reconstruídas no novo Sal, que é aperfeiçoado no final do experimento.

Os quatro Elementos, que são os princípios fundamentais da matéria, têm sua origem nos três princípios da Alquimia. O Enxofre está arquetipicamente associado ao Fogo. O Mercúrio, com sua dupla natureza produz os elementos Ar e Água; e o Sal é a fonte do elemento Terra.

Capítulo 6 – A Primeira Matéria e a Unidade

Considerado o conceito mais confuso da Alquimia, vamos tentar entender o que é a Primeira Matéria. São vários os significados atribuídos à Primeira Matéria ao longo da história. Nos escritos medievais, vamos encontrar pelo menos 200 definições diferentes e no léxico da Alquimia de 1612, foram registrados nada menos que 80 definições diferentes para o termo.

Popularmente, sinônimos populares que vamos encontrar para Primeira Matéria são: enxofre, fogo, água, terra, ar, mercúrio, sal, sol, lua, quintessência e pedra. Além de ideais filosóficos, como amor, imaginação, espírito, pensamento, Deus, alma, consciência e luz. E por fim, até mesmo termos como sujeira, menstruação, sangue, estrume e urina foram considerados definições para Primeira Matéria.

Até aqui acredito que você já está bastante confuso. Segundo Hauck (9), a razão pela qual a Primeira Matéria é tão difícil de determinar é que é tudo e nada ao mesmo tempo. É a coisa primitiva que existia antes do tempo, bem como o caso primordial, que contém todas as possibilidades.

Essa “coisa primeira”, segundo os alquimistas, carrega em si o germe de todas as coisas que já existiram e jamais existirão no futuro. Ainda segundo Hauck (9), ela foi objeto de trabalho dos alquimistas enquanto tentavam acumulá-la em sua forma imaculada a partir de fontes naturais e expô-la em metais e outros compostos através de suas manipulações químicas.

Eles a procuraram nas profundezas das minas subterrâneas, no orvalho da manhã, no solo virgem e negro das florestas, em todos os lugares, até mesmo nos seus corpos, mentes e almas.

Zózimo disse:

“Isso é o divino e grande mistério; o objeto que buscamos. Isso é o Todo. Dele [provém] o Todo e por ele [existe] o Todo. Duas naturezas, uma única essência; pois uma atrai uma e outra domina uma. Isso é água de prata, o hermafrodita, o que sempre foge, o que é atraído para seus próprios elementos. É a água divina, que os ignoraram, cuja natureza é difícil de contemplar, pois isso não é um metal, nem água sempre em movimento, nem um corpo [metálico], ela não é dominada. É o Todo em todas as coisas; ele tem vida e espírito e é destruidor. Quem compreender isso possui ouro e prata.”



Figuração simbólica da Matéria-Prima.

GOOSSEN VAN VREESWIJK De Groene Leeuw, 1674

Segundo Johann Ambrosius Siebmacher:

“Ao contrário, essa matéria é igualmente tida pela coisa mais vil, e por assim dizer a mais abjeta, por aqueles que não têm o conhecimento ou que começam apenas a estudar. Ainda que certamente buscada por muitas

pessoas perspicazes, ela só é descoberta por poucas. Observada de longe ou escrutada de perto, ela ainda pode ser vista por todos, no entanto só é conhecida por poucos.”

Morien afirmou que o Magistério era feito de “uma única coisa” e que quem tentar fazê-lo sem essa pedra será como o homem que quis subir em uma escada sem degraus e, como não pode fazê-lo, cai com a cabeça para baixo.

Uma coisa que em nossas leituras podemos notar é que a “coisa única”, que tantos nomes recebeu, não recebeu valor algum por aqueles considerados sem conhecimento, sejam eles ricos ou pobres. Somente os Sábios a reconhecem, a “coisa única” que contém em si todos os quatro Elementos, e que tem domínio sobre eles.



Na terra jaz a Pedra desprezada pelos ignorantes.
Michael Maier, *Symbola aureae mensae*, Frankfurt, 1522.

Perguntado mais uma vez Morien sobre onde procurar a Primeira Matéria, ele respondeu:

“Ó Rei, eu vos confesso a verdade, que Deus, segundo seu desejo, criou em vós essa coisa tão notável, e não importa onde estejais, ela está em vós, e não poderia ser separada, e tudo o que Deus criou não poderia subsistir sem ela, de forma que, se a separarmos de alguma criatura, ela logo morre.”

Na Tábua de Esmeralda, a Primeira Matéria é mencionada como sendo a “Única Coisa”: o caos primordial do universo moldado na realidade material pelos pensamentos ou Palavra da Mente Única. (Hauck, 2008) Essa ideia de que existe uma presença divina buscando expressão no universo material tornou-se um princípio básico da Filosofia Hermética.

Os egípcios atribuíram à Primeira Matéria o hieróglifo conhecido como kn, que é a primeira letra que compõe a palavra egípcia “khem” (raiz da palavra Alquimia). Para eles, este símbolo é definido como a “matéria negra que está viva”. Segundo especialistas em línguas, a tradução varia entre placenta, sujeira fértil ou solo negro vivo.

Segundo os alquimistas, a Primeira Matéria é a matéria escura básica do universo a partir do qual todas as coisas surgiram, ou seja, uma substância espiritual da qual a natureza visível externa é sua expressão e manifestação. Considerada uma “matéria primordial”, ela contém o poder de formar tudo, sendo o princípio ou início de todas as coisas.

Na China é considerada o Tao, definida por Shi Tzu como: “coisa confusamente formada, nascida entre o céu e a terra. Silencioso e vazio, fica sozinho e não envelhece, dá a volta e não se cansa. É capaz de ser a mãe do mundo”.

Para os alquimistas, um símbolo da Primeira Matéria é o ouroboros, a serpente ou dragão que engole a própria cauda, em um processo que representa a imortalidade, o início e o fim ao mesmo tempo, o ciclo de morte e vida contínuos. Ou, ainda, duas serpentes ou dois dragões, um alado em cima e um sem asas em baixo, que devoram-se, representando o fixo e o volátil nesse movimento cíclico.

Para Carl Gustav Jung, a Primeira Matéria era o próprio homem. Para ele, na imagem do ouroboros está o pensamento de devorar-se e sintonizar-se em um processo circulatório, sendo o ouroboros um símbolo dramático para a integração e assimilação do oposto, ou seja, da sombra.

No hermetismo, o universo surgiu de um pensamento ou palavra da Mente Divina, conceito esse que se assemelha ao de Primeira Matéria. Entretanto, na nossa época é difícil aceitar conceitos tão abstratos como esses. Na mente moderna não há espaço para compreender o que existe entre o manifestado e o imanifestado.

Infelizmente, para nossa cultura só existem coisas reais e irreais. Deve ser por essa rejeição que coisas como urina, fezes, estrume e pensamentos e desejos sombrios simbolizam a Primeira Matéria ou “Coisa Única”.

Propriedades da Primeira Matéria

De acordo com a opinião de alquimistas de várias épocas, apesar de ser difícil definir o que seja, de fato, a Primeira Matéria, algumas características (ou propriedades) foram apontadas por eles.

É eterna

A primeira propriedade é a ideia de eternidade. Sendo assim, a Primeira Matéria é eterna e não pode ser criada ou destruída. Além disso, ela não é afetada pelo tempo, sendo sua quantidade fixa. Atualmente, vários alquimistas modernos acreditam se tratar da “matéria escura” que, segundo a física, compõe a maior parte do universo e está em tudo, sem poder ser detectada.

Está em todos os lugares

Outra propriedade da Primeira Matéria é que ela está em todos os lugares e em todas as coisas, visto que é a fonte de tudo o que existe. Ela está entre o que podemos chamar de realidade manifestada e não manifestada.

É cíclica

Alquimistas orientais e ocidentais concordaram que a Primeira Matéria tem natureza cíclica e que, por isso, ela poderia se transformar em qualquer coisa: claras e escuras, manifestadas e não manifestadas. Como já dissemos, o ouroboros é a representação mais utilizada pelos ocidentais e no oriente, o conceito de Tao e o Yin-Yang são associada a essa “única coisa”.

Contém todos os Elementos

Segundo os alquimistas, a “Coisa Única” contém todos os componentes necessários para a criação, ou seja, os quatro Elementos e a Quintessência.

É a fonte da Pedra Filosofal

Para os alquimistas, a Pedra Filosofal era criada a partir dessa “Coisa Única”, a Primeira Matéria. Por isso, ela era tão buscada.

A Primeira Matéria e o conceito de Unidade

Basílio Valentim afirmou que *“todas as coisas vêm de uma e mesma semente e foram todas na origem paridas pela mesma mãe”*. Raimundo Lúlio, por sua vez, disse que *“tudo existe no Ser único”*. Já Zózimo, o Panopolitano, no início da era cristã concluiu que *“o Uno é o Todo”*.

A Tábua de Esmeralda, o livro mais importante da Alquimia, resume a Grande Obra dos Alquimistas e afirma a unidade da matéria: *“É verdade,*

sem mentira, certo e muito verdadeiro, o que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é como o que está embaixo, para cumprir o milagre da unidade”.

Jacob Boehme declara que *“enxofre, mercúrio e sal são uma só coisa, que é única, espiritual ou corporal; e que todas as criaturas são essa coisa única, e somente as propriedades as diferenciam”*. Os alquimistas greco-egípcios defendiam o princípio geral do universo de que “o tudo é uno”, representado pelo ouroboros – a serpente que devora a própria cauda.

Segundo todos eles, tudo provém de um princípio único, uma espécie de substância primordial (Primeira Matéria) que carrega em si mesma o poder de fazer viver ou morrer. Voltando mais no passado, os filósofos anteriores a Sócrates também defendiam o princípio da unidade, princípio este que explica a transformação cíclica do universo e a constituição tanto do macrocosmo (universo) quanto do microcosmo (homem).

Em diferentes épocas e por diversos pensadores, esse princípio persiste. Para a filosofia indiana o universo e a vida nunca tiveram início e nem terão fim. Ao contrário, evoluem constantemente, ciclicamente, em um movimento regular de fluxo e refluxo, de inspiração e expiração, em que durante a expiração, tudo se manifesta; e durante a inspiração, tudo é absorvido.

Interessante observar que este princípio fundamental da filosofia hermética também está por trás de toda a simbologia alquímica, especialmente o ouroboros – que representa o movimento cíclico da vida e do universo – e o Hermafrodita – símbolo da união perfeita, os dois opostos que se encontram purificados no “uno”, a imagem do ser completo pela conjunção.

A unidade é, por sua vez, a Pedra Filosofal ou o Elixir da eterna juventude dos alquimistas. É a eternidade almejada por eles, visto que o “uno” é eterno e imutável. Sendo assim, não é difícil imaginar porque o ponto de partida do trabalho alquímico seja a unidade, ponto esse para o qual desejam retornar, em um ciclo que não tem início, nem fim.

Capítulo 7 – A Pedra Filosofal

A ideia da existência de uma Pedra Filosofal teve início com os alquimistas Alexandrinos, mas não demorou muito para se espalhar por todo o mundo. Não é à toa, que na Idade Média, ela se tornou o que podemos chamar de “Santo Graal” na Alquimia da época.

Para os alquimistas, a Pedra Filosofal é não só a chave para a transmutação de metais comuns em ouro. Ela contém o segredo da vida eterna e da perfeição espiritual, objetivos também da Arte Alquímica. Tendo a Pedra, o alquimista transformar um metal corruptível em ouro incorruptível.

Da mesma forma, por analogia, ela poderia transformar seres humanos mortais, ou seja, corruptíveis, em seres imortais, ou seja, incorruptíveis. São esses os objetivos da Pedra Filosofal, seja no seu aspecto físico ou espiritual.

O significado espiritual da Pedra Filosofal vem da crença egípcia na perfeição da alma e na criação de um corpo dourado imortal. Sabe-se que os egípcios acreditavam na regeneração da humanidade, aliás, essa era uma das doutrinas místicas deles, e fazia parte das tradições espirituais de muitas civilizações antigas. Sendo assim, a Pedra Filosofal era como uma manifestação física desse desejo pela perfeição do homem.

Em latim, a Pedra Filosofal era chamada de *Lapis Phlosophorum* ou de “Pedra dos Filósofos”. Entretanto, na Grécia ela era conhecida como Crisopeia ou Coração de Ouro. Outros nomes dados à Pedra são: *Spiritus Mundi* (Espírito do Mundo), Magistério, Diamante da Perfeição, Elixir, Pedra dos Sábios, Medicina Universal.

De acordo com Jabir, um alquimista árabe do século VII, era possível transmutar um metal em outro pelo rearranjo de suas qualidades básicas. Para ele, uma substância mágica (Pedra Filosofal) aceleraria esse processo. Os árabes chamaram essa substância de *Al-Iksir*, de onde deriva a palavra Elixir.

No decorrer dos séculos, muitos estudiosos associaram o conceito de Pedra Filosofal com de outras “pedras” encontradas em muitas tradições espirituais. É o caso da rocha sobre a qual Jacó descansou no Velho Testamento, ou a rocha do Novo Testamento que Jesus colocou como alicerce do templo. Temos ainda outras associações, como o Santo Graal ou cálice de Cristo, a Pedra Cúbica da Maçonaria e a Pedra fundamental Yesódica da Cabala.

Voltando para o domínio da Alquimia, a Pedra Filosofal não só poderia transmutar qualquer metal em ouro, mas também era considerada o *Alkahest* — ou solvente universal — que dissolvia todas as substâncias imersas nele e imediatamente extraía sua Quintessência ou essência ativa.

Tamanho era o poder desta Pedra, que também era utilizada para restaurar plantas ou animais de suas cinzas (palingênese). Da mesma forma, era usada no preparo do *aurum potable*, que era uma espécie de ouro potável, um remédio que aperfeiçoaria o corpo humano. Como a Pedra Filosofal carrega a Quintessência — ou força vital — ela poderia ser usada até mesmo para criar seres vivos artificiais (seres chamados homonculi).

Capítulo 8 – Estágios do processo alquímico e seus símbolos

“Os místicos sempre entenderam que o verdadeiro laboratório alquímico era o próprio homem. O homem natural era comparável aos metais vis. A meta seria transformá-lo no novo homem, que corresponderia ao ouro, o metal puro por excelência.” (5)

Agora chegamos a um ponto muito interessante. Vamos começar a ter contato com símbolos muito utilizados nos emblemas alquímicos.

As fases do processo alquímico — Nigredo, Albedo e Rubedo — e suas operações são representados com uma riqueza extraordinária de símbolos. É quando também percebemos o uso das cores na Alquimia como, assim como dos animais e pássaros.

Antes de começarmos, é importante diferenciar os estágios da Grande Obra das suas operações. Na literatura, principalmente no início dos estudos, é comum encontrar citações à respeito do Nigredo, Albedo e Rubedo e também de operações como calcinação, dissolução, putrefação, separação e outros.

A questão é que temos três estágios ou fases do processo alquímico e as operações, que estão contidas nestas fases. No geral, todo o processo de transformação codificado por cores passa por uma fase inicial Negra, uma intermediária Branca, culminando em uma fase Vermelha.

As cores têm uma simbologia muito interessante em toda a transformação alquímica e o porquê delas vem das operações com os metais. Se um dos metais básicos — chumbo, estanho, ferro e cobre — passar por um derretimento e fundição em uma nova liga, a cor resultante de sua superfície é preta.

Se a liga preta resultante é aquecida com prata metálica nobre e depois com mercúrio, ela fica branca. Se tudo correr bem no processo, a cor vermelho-violeta iridescente aparece no metal, indicando o final da transformação e a formação de uma quantidade de ouro genuína.

Apesar de observar as cores no laboratório, estas são as mesmas cores que apareciam nas imagens e visões do trabalho espiritual feito durante o trabalho de laboratório. Enquanto manipulavam os materiais e a matéria — seja ela mineral ou vegetal — os alquimistas realizavam exercícios espirituais ou psicológicos e percebiam as mesmas cores em imagens e visões do trabalho espiritual correspondente.

Numa visão moderna e psicológica, Carl G. Jung acreditava que o Nigredo corresponde à depressão e tristeza que acompanha a “noite escura da alma”, que resulta na necessidade de mudanças profundas no nível pessoal. O Albedo, segundo Jung, está associado à purificação resultante do sofrimento do Nigredo. E o Rubedo faz alusão ao empoderamento e confiança após a integração psicológica alcançada no final do processo de transformação.

Fase Negra: Nigredo

Na Alquimia, o Nigredo ou negritude significa decomposição, putrefação. O primeiro estágio da *Opus Magnus*, ou Grande Obra, faz referência à morte do velho para o nascimento do novo. Segundo os alquimistas, a ação de um fogo externo faz com que o fogo interno da matéria seja ativado e ela começa a apodrecer.

De acordo com os alquimistas, trata-se de um estágio complexo e “tortuoso”, em que a matéria trabalhada passa por diversos processos de perda para revelar sua verdadeira natureza.

Em poucas palavras, podemos dizer que o objetivo do Nigredo é reduzir o material à sua essência ou ingredientes mais fundamentais. Todo material impuro e desnecessário deve ser removido ou não será possível dar continuidade às operações seguintes da Obra.

É muito interessante observar que esse processo ocorre em todo tipo de matéria, inclusive a psíquica. Isso quer dizer que o Nigredo é significativo também na esfera psicológica. Não é à toa que foi especialmente no campo da psique que Jung estudou os estágios da Alquimia e todo esse processo de morte, de desfazer-se do que não é relevante na transformação.

Se no laboratório essa “mortificação” resulta em cinzas ou pó, em que as características anteriores da substância não podem mais ser aproveitadas, na Alquimia Interior essas características são sentimentos de vergonha, culpa, constrangimento, inutilidade e todo sentimento repugnante que a pessoa deixou submersa e escondeu até de si mesma.

“Essas cinzas negras e infectas não devem ser desprezadas, pois elas contêm o diadema de nosso Rei; e eu vos digo em verdade que a brancura jamais será obtida se não for produzida a escuridão.” (6)

No que se refere à transformação que o alquimista opera durante a Grande Obra — e eu gosto de dizer que nós também operamos, porque somos potencialmente alquimistas e a Grande Obra é nossa existência — o Nigredo é a primeira etapa da jornada iniciática para alcançar a pedra filosofal. Também chamado de *opera al negro*, é a primeira grande transmutação alquímica.

Trata-se de um processo pelo qual a vida deixa gradualmente a matéria, dando origem a um composto informe e podre. Esse é o processo de putrefação, que leva a matéria a um estado de fermentação, trazendo uma nova forma de vida. Considerando que a matéria que trabalhamos é o

espírito, podemos dizer que o Nigredo é o processo de decadência do ego. Ao entrar neste estágio — também chamado de caos, de *noite escura da alma* — a alma adentra em um período que antecede o crescimento espiritual. É preciso morrer para nascer de novo.

Do ponto de vista pessoal, é quando os preconceitos pessoais dissolvem-se, e as ideias antigas são varridas, assim como folhas secas. Do ponto de vista iniciático, o nigredo indica o processo de morte simbólica do adepto.

O nigredo e a psicologia

Como já foi dito, o Nigredo também se aplica à nossa matéria espiritual/interior/psicológica. Nesse contexto, trata-se de um processo de autoconhecimento, quando o indivíduo faz o caminho de volta a si mesmo para reencontrar-se.

Esse caminho de volta é uma espécie de morte. É preciso deixar para trás o que era antes para nascer de novo. A morte é representada pela cor preta — umas das cores mais significativas da simbologia alquímica —, assim como o estágio seguinte, o Albedo, é representado pela cor branca.

Ao adentrar na escuridão durante o Nigredo, experimenta-se o processo de putrefação, a decomposição daquilo a qual se estava preso. O confronto com a realidade interior é, na maioria das vezes, dolorosa, por isso, é preciso cuidado ao fazer isso. A intenção ao morrer, ao adentrar no interior da terra, é encontrar a raiz do “problema”, a semente da “Prima Matéria”, o Eu verdadeiro. É a partir daí que nasce a luz branca, tendo início o Albedo.



Vitriol — “*Visita Interiora Terrae, Rectificando, Invenies Occultum Lapidem* “. Basil Valentine,
Chymical Wedding

No Nigredo, a matéria ou mistura — o homem e suas complexidades — é reduzida ao seu estado natural, ao germe. “*Aquilo de que uma coisa foi feita de maneira natural, pela mesma coisa, deve retornar a um estado dissolvido em sua própria natureza. Tudo tem que ser dissolvido e reduzido à forma da qual surgiu*”. (7)

Titus Burckhardt disse que o princípio de toda realização espiritual está na morte, uma morte para o mundo; a consciência deve ser extraída dos sentidos e voltada para dentro e, supondo que a luz interior ainda não tenha começado a brilhar, essa retirada do mundo exterior é experimentada como um escurecimento (noite escura da alma^[4]).

Durante a Fase Negra, a matéria passa por duas operações que envolvem a aplicação dos Elementos Fogo e Água. Somente após a conclusão desses processos, as essências da matéria purificadas são separadas e guardadas para serem utilizadas nas próximas fases da Obra.

Calcinação

A operação inicial é a calcinação, que quer dizer “reduzir ao osso pela ação do Fogo”. Ela faz referência a um método antigo de obtenção de óxido de cálcio, por meio do aquecimento do calcário. Após passar pelo fogo inicial, a substância fica dura e seca, e não é mais afetada pelo fogo comum.

Geralmente, processos que envolvem o aquecimento para a quebra de algo sólido com o objetivo de extrair a água ou qualquer composto volátil pode ser chamado de calcinação. No laboratório, em gravuras alquímicas, vamos encontrar cenários em que ocorre o aquecimento de uma substância em um forno ou cadinho, onde a chama está sempre aberta, até que a substância seja reduzida a cinzas.

Mesmo que estejamos interessados na alquimia interior é importante conhecer as operações de laboratório para compreender os processos internos. Quando nosso foco é estudar o Simbolismo Alquímico, esse conhecimento torna-se ainda mais necessário.

Vamos observar muitas vezes símbolos de animais associados aos produtos químicos utilizados nas operações, como o Lobo Cinzento que representa o antimônio, o Leão Verde que faz referência ao sulfato de ferro e em alguns casos é o resultado da mistura de ácido nítrico com ácido clorídrico (*aqua regia*), composto tão poderoso que era capaz, inclusive, de derreter o metal mais nobre, o ouro.

Voltando à calcinação, há uma variedade de metais que podem ser calcinados, mas nem todos pelo mesmo agente calcinador potencial. O chumbo é calcinado pelo enxofre. O estanho pelo antimônio. Já o ferro, é calcinado pela ação de vinagre e sal amônia. O mercúrio deve ser misturado

com ácido nítrico, *aqua fortis*, para sofrer calcinação e o ouro pode ser calcinado com sal amônia e mercúrio, além do sulfato de ferro.

Como você pode notar, lado a lado das operações de laboratório temos as operações filosóficas. Sendo assim, os alquimistas também observaram a calcinação filosófica, que é a redução da substância à sua essência por aplicação de calor.

Em seres vivos, esse processo estava associado à perda de força vital transportada em fluidos corporais. E o resultado em muitas situações foi a desidratação do tecido vivo. A cremação humana é um exemplo de calcinação filosófica.

Símbolos comuns na calcinação são crânios e esqueletos, fazendo referência à propriedade de “deixar a substância ao osso”. Além disso, esses símbolos representam o próprio óxido de cálcio branco puro. Mas não são apenas esses os símbolos que representam a calcinação. Outros comuns são: caixões, crucificações, pássaros saindo das chamas, cenas do inferno, qualquer espécie de tortura pelo fogo ou confrontos entre demônios e dragões.

Para finalizar, ficamos com as palavras de Johann Isaac Hollandus: “*A calcinação é a transposição para uma espécie de cinza branca, terra ou greda branca, graças aos espíritos do nosso processo; ocorre com o nosso fogo, com a água do nosso Mercúrio*”. (8)

Calcinação pessoal

Depois de conhecer o processo, é importante compreendê-lo no nível pessoal, afinal, como já dissemos, ao mesmo tempo que os alquimistas trabalhavam em seus laboratórios, operavam também a si mesmos, sofrendo e passando pelas transformações das substâncias com as quais trabalhavam.

Dennis William Hauck disse que na aplicação da calcinação à mente humana, o calor característico deste processo é provocado pela consciência e experiências da vida. A secagem da umidade interna e volatilidade representava a perda de sua energia emocional e psíquica à medida que a pessoa amadurecia. (9)

O que ele quis dizer é que à medida que amadurecemos e somos aquecidos pelas forças naturais da existência, tendemos a perder contato com nossa própria força vital. Ainda conforme Dennis, esse processo de calcinação pessoal acontece quer a gente queira ou não. À medida que envelhecemos e somos surpreendidos pela tribulações e desafios da vida, sacrificamos gradualmente nossos egos. De um modo geral, quando enfrentamos a realidade da vida, ela nos propicia um grande número de ocasiões para a *calcinatio* de desejos frustrados.

Dissolução

A dissolução é outra operação que faz parte da Fase Negra da Obra. Alguns alquimistas chamam apenas de “solução”, que é a transformação de uma solução ao colocá-la em água ou outro líquido. Após a ação do fogo da calcinação, a substância trabalhada é imersa na água da dissolução.

“A dissolução realiza-se por meio das água sutis, aéreas, pânticas, sem fezes. Foi inventada para fazer mais sutis as coisas que não são fusíveis nem penetráveis — fusionen nec ingressionen habent — e que possuem essências fixas muito úteis que se perderiam sem esta operação.”
(10)

Em operações de dissolução, os sólidos desaparecem em solventes, como se fossem devolvidos ao seu estado original. Os alquimistas antigos

viam isso como uma redução para Primeira Matéria, uma espécie de purificação que eles comparavam ao retorno ao útero para o renascimento.

Em Simbolismo Alquímico, os símbolos associados à esta operação geralmente são lagos, areia movediça, enchentes, lágrimas, derretimento, peixes nadando na superfície da água, menstruação e outros que fazem alusão ao Elemento Água.

Além disso, símbolos que podem ser associados ao útero, como vasos de vidro ou de argila, caldeirões e outros semelhantes, assim como mulher andando nua na floresta, mulheres montando grandes peixes ou dominando dragões ou outros animais selvagens também simbolizam a dissolução. Nestes últimos casos, a dissolução enfatiza a conexão entre a natureza e o princípio feminino mais sombrio do nosso ser.

Dissolução pessoal

A imersão nas águas escuras do inconsciente é a característica do processo de dissolução no nível pessoal. Ela quebra ainda mais as estruturas corrompidas da personalidade que precisam ser trabalhadas.

Se na calcinação pessoal é utilizado o fogo da consciência e das experiências da vida, na dissolução pessoal utiliza-se a água, que aqui podem assumir a forma de vozes interiores, sonhos, visões ou apenas sentimentos que revelam um mundo de energias sombrias que precisam ser transmutadas. É o que os alquimistas chamam de “a água que não molha as mãos”.

“O confronto direto com energias primordiais do inconsciente durante a dissolução humilha ainda mais o ego e resulta em uma rendição de crenças e projeções teimosas.” (9)

“Durante os estágios iniciais da alquimia pessoal, a projeção é uma coisa perigosa. Quando estamos irritados ou revoltados, com as coisas que vemos no mundo, é porque essa mesma qualidade negativa vive subconscientemente em nós.

Acabamos gastando muita energia psíquica projetando essas qualidades rejeitadas no mundo externo, mantendo-as escondidas em nós mesmos. Todo esse processo é muitas vezes expresso como a escuridão da depressão e da melancolia.

No entanto, os alquimistas consideraram a dissolução pessoal um processo completamente natural. Segundo eles, é necessário trabalhar com a escuridão e sofrer através dela para emergir transformado. Ao trazer esse material ameaçador à luz na terapia ou no trabalho pessoal, o alquimista sobe acima dos ‘vapores venenosos’ do subconsciente e aprende a integrar o lado negro em um ‘eu’ renascido. (9)

Outros símbolos da dissolução que remetem às transformações pessoais são sapos venenosos, cenas de coelhos mergulhando em buracos, baleias, peixes ameaçadores e basiliscos — que são serpentes aladas.



M. Maier, *Atalanta Fugiens*, Oppenheim, 1618.

O Rei imerso na água é uma boa representação da dissolução pessoal. Na imagem vemos as águas do inconsciente, que de início parecem assustadoras e difíceis de enfrentar, mas que são necessárias para a continuação da Obra.

“Se alguém retirar o rei do mar vermelho (água Mercurial), deve ter cuidado para que ele não perca a sua coroa, pois com as suas pedras podem curar-se as enfermidades. Em seguida, devem metê-lo num banho de vapor, para que perca a água que engoliu, e depois casá-lo para que gere um filho real”. (11)

Símbolos da Fase negra

Apesar de já ter citado símbolos que representam o Nigredo — inclusive aqueles mencionados nas operações de calcinação e dissolução — vamos falar um pouco mais sobre o simbolismo deste estágio.

São inúmeros os emblemas alquímicos que representam o estágio de morte alquímica. Vamos trabalhar com muitos deles. Os símbolos mais utilizados neste estágio são: o corvo, a cor preta (escuridão) e Saturno. Entretanto, esses não são os únicos.

Tudo o que remete à morte e à escuridão, estão associados ao Nigredo no Simbolismo Alquímico. É o caso de símbolos como esqueleto, caixões, cadáveres, cenas de decapitação e desmembramento, dentre outros.



S. Trismosin, Splendor Solis, Londres, século XVI.

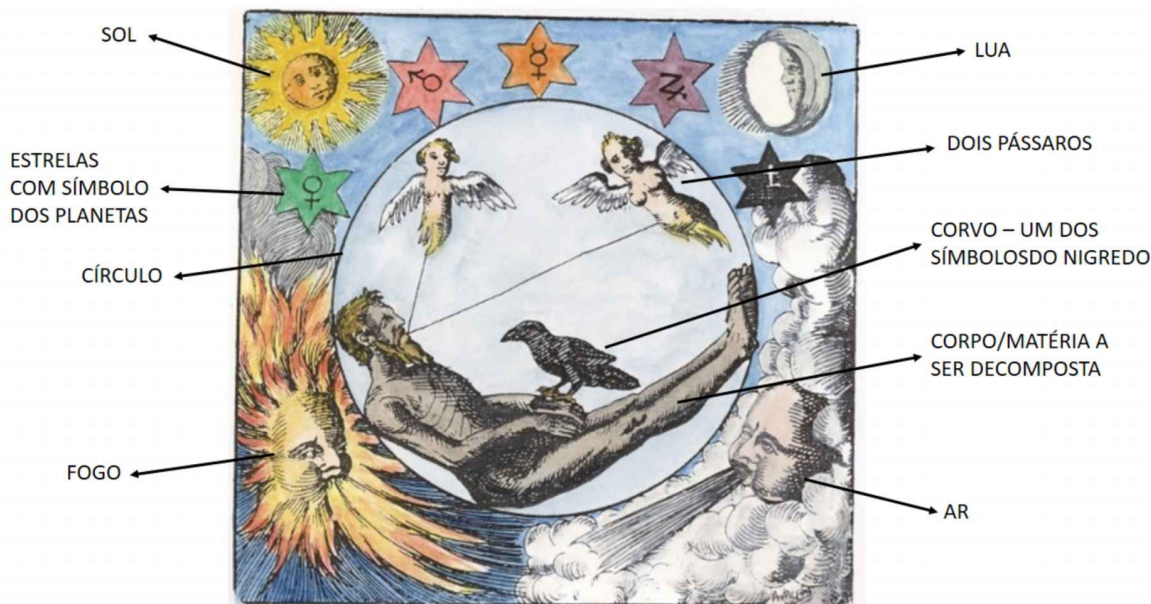
A imagem acima mostra a decapitação e o desmembramento. O alquimista Zósimo fala de uma transmutação do corpo em espírito puro através do desmembramento ritual. (2)



Na imagem acima, o homem recolhido em uma postura de introspecção em uma “fenda terrestre” mostrando que a alquimia era, em primeira instância, uma prática espiritual. Também faz referência ao Vitriol — “*Visita Interiora Terrae, Rectificando, Invenies Occultum Lapidem*“ que quer dizer: “Visita o Centro da Terra, Retificando-te, encontrarás a Pedra Oculta (ou Filosofal)”.

Os pássaros em forma de anjos são a alma e o espírito — Enxofre e Mercúrio — a serem percebidos. Logo acima, o Fogo e o Ar, elementos utilizados na decomposição. A imagem abaixo, de *Basil Valentine*, chamada Azoth, é muito interessante também e bastante utilizada para simbolizar o estágio de Nigredo. Nela, vemos um conjunto de símbolos — em capítulo

posterior, vamos aprender a identificar os símbolos individualmente, e saber quando eles são ou não relevantes para a interpretação.



Diante do Azoth, podemos dizer que:

No centro da imagem temos o corpo que deve ser decomposto. Ele pode ser qualquer matéria — mineral, vegetal ou animal. Mas, no que se refere à alquimia interior, esse corpo é a consciência, ou seja, o Enxofre alquímico — lembra-se de que o enxofre é a consciência? Essa decomposição quer dizer que deve ocorrer a transferência da consciência para o “eu interior”.

Os planetas são os estágios do processo e as energias no corpo a ser transmutado. Na imagem temos os símbolos dos planetas: Saturno, Vênus, Júpiter, Marte e Mercúrio. A estrela de Saturno Negra mostra que o estágio da Obra é o Nigredo.

O Sol e a Lua são os opostos a serem unidos: o masculino e o feminino, o Enxofre e o Mercúrio. O Fogo e o Ar são os elementos que

estimulam a decomposição do corpo.

Os dois pássaros são a alma e o espírito, que precisam ser percebidos no processo — é preciso ter consciência deles. Em emblemas alquímicos, quando pássaros são dispostos em “dois” em uma mesma figura quase sempre estão representando “os opostos”. O círculo faz referência à ideia de união e o corvo é uma das representações do Nigredo.

Outro símbolo que pode aparecer no início da obra, ou seja, durante o escurecimento, é o dragão sem asas. Essa é uma figura bastante complexa na Alquimia e é um daqueles exemplos em que um mesmo símbolo pode ter significados distintos dependendo do contexto.

No início da Obra o dragão é terrestre, e no final, apresenta asas, ou seja, é um dragão alado. Essa relação representa a espiritualização da substância terrestre.

Saturno

Como símbolo alquímico que governa o estágio de Nigredo, este planeta é usado como Mercúrio, como um símbolo do caos, como primamateria, como pedra bruta e também como Pedra Filosofal. O Nigredo também é conhecido como noite saturnina devido a essa referência a Saturno.

Todos esses símbolos são aplicados ao homem no início do processo alquímico. Com sua foice e ampulheta, Saturno é o deus da morte, que representa o processo de putrefação, de onde surgirá vida nova. Inclusive, a foice é um outro símbolo que está associado à putrefação, assim como a espada e a lança.

Em alguns emblemas e imagens alquímicas você vai encontrar homens decapitados e desmembrados por espadas, que representam o fogo

pelo qual tem início a putrefação, a decomposição. Saturno também está associado à melancolia, que é um dos aspectos do Nigredo. É comum durante o processo de morte experimentar certa melancolia.

No livro *Alquimia e Misticismo*, essa referência à Saturno é bem elucidativa e mostra porque ele é o patrono dos alquimistas e um dos mais importantes símbolos alquímicos.

“Em tempos, Cronos-Saturno foi o arrogante soberano da Idade de Ouro da eterna juventude, mas desde que seu filho Júpiter o venceu e, segundo Ilíada, foi posto debaixo da terra, a sua condição tornou-se lamentável: como Pai da Morte, com a foice na mão, passou a encarnar o aspecto destruidor do tempo e representa o portão de trevas original da Obra, que a matéria tem de transpor para ser renovada na luz do paraíso.

A ele é atribuído o nível mais ínfimo e grosseiro, o sedimento da construção do mundo: pedras, terra e chumbo (antimônio). Böhme chamou-se ‘o soberano austero, frio, severo e rigoroso’, que criou o esqueleto material do universo. As influências do seu planeta eram consideradas responsáveis por todo o tipo de pobreza e miséria.” (2)

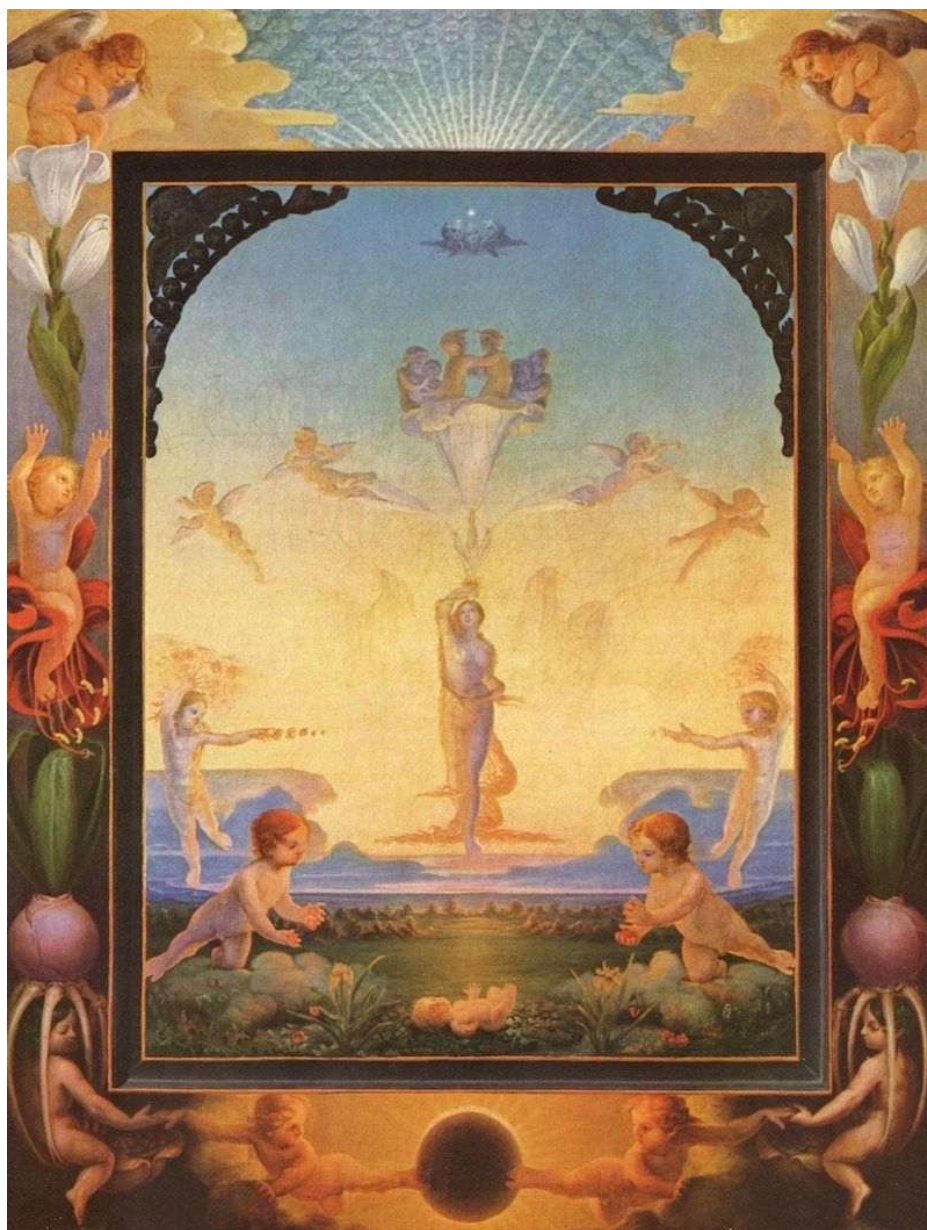
Apesar de parecer terrível, Saturno é necessário. No início da Obra, é nossa representação ou, ainda, o desafio que precisamos transpor. Os neoplatônicos tinham uma outra visão deste deus. Para eles, Saturno converteu-se na figura mais sublime do panteão do ponto de vista filosófico. Plotino defendia que ele simbolizava o espírito puro. Agrippa, o considerava o pai da contemplação silenciosa, um deus imponente, sábio e compreensivo.

Fase Branca: Albedo

Após o estágio de escurecimento, em que a matéria é decomposta, vem o processo de purificação ou de destilação do composto que resultou do Nigredo. Essa matéria, apodrecida, desintegrada e em pleno caos, encontra-se no Albedo em processo de “brancura”. A escuridão está, lentamente, dando lugar à luz, um novo dia está amanhecendo.

Psicologicamente, representa a morte de velhos hábitos, julgamentos, crenças, projeções e dependências. Uma nova “pessoa” está emergindo. Em outras palavras, a Fase Branca é a purificação da matéria ou substância que atravessou o Nigredo. Passou pelo Fogo e pela Água e eis que caminha rumo à transformação, à pureza.

A cor símbolo deste estágio é a branca e, assim como a Fase Negra tem seus símbolos, o Albedo também tem, como Aurora, a deusa romana do amanhecer. Também é simbolizado pela estrela da manhã (Vênus-Afrodite) e pelo Sol, nascendo no mar dos filósofos. Albedo é como o surgimento da luz após a escuridão (Nigredo).



Ph. O. Runge, Der Kleine Morgen, Hamburg, 1808

A relação com a cor branca e o uso de símbolos como o cisne branco e a águia branca tem relação direta com o processo que ocorre em laboratório. Após a putrefação da matéria — que a esta altura já está escura — manchas brancas começam a surgir na superfície ou cristais brancos que crescem fora da massa disforme que agora é a matéria.

Entretanto, é preciso atenção. Durante o Albedo, experimenta-se uma falsa certeza de que o trabalho chegou ao fim. Após a longa experiência do Nigredo, vislumbrar uma nova possibilidade, um novo amanhecer, dá a sensação de que o martírio finalmente chegou ao fim. Mas, a Obra ainda não acabou e é justamente nesse momento que um novo fenômeno acontece, o aparecimento das cores da cauda do pavão, fazendo-se acreditar que a obra chegou ao fim novamente.

Voltando ao Albedo, é interessante também pontuar que é neste estágio da Obra que ocorre a conscientização da dualidade. É a descoberta da natureza hermafrodita do homem. Espiritualmente, todo homem é um hermafrodita. Na Alquimia e em sua simbologia, a presença desta figura é muito utilizada. Representa a união do masculino e do feminino, do consciente e do inconsciente.

É interessante observar, inclusive, que também podemos ver isso na primeira fase embrionária do feto. Até certo momento, não há sexo. A dualidade só ocorre quando o homem “desce” ao mundo físico, que é quando seu corpo entra no mundo de dualidade. No nível físico a dualidade é expressa pelos sexos. No nível espiritual, o homem é andrógino.

Outro símbolo associado ao Albedo que devemos ter em mente é a Água, devido às suas propriedades purificadoras. No nível planetário, esse estágio também é representado por Vênus, que também é conhecida como Lúcifer, a estrela que anuncia a manhã e, portanto, o fim da escuridão.

Outros símbolos que representam a Fase Branca são a pomba branca e o batismo. Neste caso, nota-se uma clara influência cristã na Arte. No cristianismo, o batismo é símbolo de purificação do corpo e da alma pela “água viva”, por isso, a associação ao Albedo.

Existem outros símbolos associados a esta fase. São eles: primavera, rosa branca, Rainha branca, cálices de prata, fontes das quais dois fluxos de

água fluem para uma única bacia e outro, muito comum no simbolismo alquímico, dois leões compartilhando uma mesma cabeça vomitando um fluxo de líquido.

No que se refere aos metais, assim como o Nigredo é representado pelo chumbo, o metal do Albedo é a prata. Como a prata é o metal da Lua, esta também é símbolo desta etapa do processo.

Em termos psicológicos, o segundo estágio do processo alquímico representa o encontro entre as duas dimensões da psique, que são consciência e inconsciência. É então quando começa a criação propriamente dita, onde a matéria, ainda sem forma, assume um corpo.

Como já foi dito, é nesta fase que percebe-se a dualidade. É quando o alquimista descobre a dualidade da substância ou matéria que ele está tentando transformar. Nesse estágio, o nível de purificação é tão grande que esses aspectos opostos são visíveis, ou seja, as essências reveladas passam a ter qualidades positivas e negativas.

No nível psicológico, as essências opostas demonstradas no processo representam as características masculinas e femininas da personalidade, ou seja, do Rei e da Rainha.

A seguir, vamos conhecer as duas operações que ocorrem durante a Fase Branca. Elas estão associadas aos Elementos Ar e Terra.

Separação

No laboratório a separação é uma operação da Fase Branca que visa desunir, dividir ou cortar substâncias para recuperar sua essência ou constituintes básicos. Os componentes poluídos que resultaram da calcinação e dissolução são separados por inibição ou retenção.

Existem vários métodos de inibição usados pelos alquimistas: assentamento, desnatado, decomposição, peneiração, agitação com ar etc. Tudo isso é feito com o objetivo de separar para descartar qualquer material indigno, isolando as essências em recipientes separados.

A operação de separação é simbolizada de várias maneiras. Os egípcios utilizavam o escorpião, que era associado à descida ao submundo para trazer de volta o conhecimento das verdades universais.

Entretanto, outros símbolos desta operação são filtros e aparelhos de filtração de líquidos, assim como machados de dois gumes, cavaleiros empunhando espadas, cenas de desmembramento e até a divisão do Mar Vermelho era utilizada como metáfora da separação.

Os alquimistas associaram o Elemento Ar a esta operação, visto que ele está associado à energia espiritual e à vontade, ou seja, energias do Acima. Além disso, pelo fato do Ar ser agente purificador, que eleva as vibrações, que espiritualiza a matéria.

Separação Pessoal

Levando em consideração a transformação pessoal, a separação está relacionada à redescoberta e isolamento da essência — ou do verdadeiro Eu.

“As operações de Nigredo quebraram sua personalidade em seus traços e desejos mais básicos, e durante a primeira fase de Albedo, você se torna consciente das essências puras que tem dentro de si e as isola de complexos de ego e elementos subconscientes indesejados.” (9)



M. Maier, Atalanta Fugiens, Oppenheim, 1618.

A gravura acima é um bom exemplo simbólico da operação de separação. O sujeito com a espada deve cortar o “coração” afim de revelar as essências mais profundas da alma e do espírito.

Michael Maier falava de uma ave que era superior a todas as outras. Era preciso encontrar seu ovo, depois incendiá-lo, cuidadosamente, com uma espada em fogo. Falava, ainda, que o ovo é a prima matéria caótica destruída na putrefação para que dela emane uma vida nova. *“Depois da morte, também nós iniciamos uma vida muito mais perfeita”*.

Para finalizar nossas observações sobre a separação no nível pessoal, e para facilitar o entendimento dos símbolos utilizados, esta operação requer honestidade e objetividade, pois é necessário encarar os pontos fortes e fracos da personalidade, e descartar o que não é mais útil ou relevante. Em outras palavras, o objetivo da separação é preservar o que é genuíno e remover o que são influências contaminantes para uma transformação alquímica.

“Esta fase é sobre ir além das restrições à sua verdadeira natureza, para que o seu verdadeiro Eu possa brilhar.” (9) Outro aspecto interessante da separação no nível pessoal é a disjunção entre o sujeito e o objeto, entre o eu e o não-eu.

Conjunção

Neste ponto, se as operações anteriores foram bem sucedidas, somente as partes genuínas e de real importância da matéria são utilizadas no trabalho de transformação. A próxima operação é a conjunção e o seu Elemento é Terra. A conjunção representa a união dos Elementos Fogo, Água e Ar para formar uma Elemento Terra purificado ou renascido. É a reunião do que sobrou dos outros processos.

Mas, apenas reunir essas essências não é suficiente para obter a conjunção real. É preciso que as essências purificadas criem um novo composto, chamado pelos alquimistas de “criança da conjunção”.

Se o processo não fez nascer um novo composto, significa que impurezas materiais ou energias espirituais negativas comprometeram a operação e todo o trabalho feito até então falhou.

Na conjunção, a junção das essências na maioria das vezes remete a uma união sexual ou acasalamento que culmina no nascimento de uma

criança. Do ponto de vista operativo, é o acasalamento de produtos químicos que resultam em um novo composto.

Por essa razão, emblemas desta operação trazem homem e mulher abraçados ou fazendo amor. O galo também simboliza a conjunção, visto que é considerado uma ave jovem e viril.

Outros símbolos associados à conjunção são: fornos de câmaras duplas, cordas ou correntes ligando entidades opostas, dois córregos que se unem em algum momento, o Rei e a Rainha em reconciliação tendo Hermes ou Mercúrio abraçando-os.



S. Trismosin, *Splendor Solis*, Londres, século XVI

Conjunção pessoal

Psicologicamente, a conjunção é quando os aspectos opostos — masculino e feminino — se unem. Os alquimistas referiram-se a esta reconciliação inicial como a Pedra Menor, e depois de realizado, o iniciado deve ser capaz de discernir claramente o que precisa ser feito para alcançar permanente, o que culminaria na Pedra Maior ou Pedra Filosofal. (9)

Gravuras que remetem a esta operação geralmente trazem dois animais, ou uniões feitas em vasos ou outros objetos que apresentam substâncias sendo misturadas de alguma forma.

Se observarmos em termos espirituais, a conjunção das essências refere-se à união da alma e do espírito, que ocorre dentro do próprio alquimista — união essa chamada de “O [Casamento Alquímico](#)” ou “Casamento Sagrado”.

Em termos simbólicos, emblemas com o Sol e a Lua unindo-se no céu fazem alusão à conjunção, assim como dois pássaros brancos levantando uma coroa no céu, leões compartilhando um só corpo — sejam eles verdes ou vermelhos —, e celebrações de casamentos ao ar livre.

O resultado da conjunção, ou seja, a união da Alma e do Espírito em um mesmo indivíduo, produz um terceiro tipo de consciência, que combina formas masculinas e femininas em uma consciência mais profunda. Os alquimistas davam o nome de “Filho Filósofo” a esta nova consciência. É a fusão do pensamento (Alma, Enxofre) e do sentimento (Espírito, Mercúrio) que produz um estado altamente intuitivo.

No processo alquímico, a conjunção é um pré-requisito para progredir no trabalho. É quando o alquimista chega no ápice do Abaixo, ou seja, no domínio da matéria, dos pensamentos e hábitos; e começa vislumbrar o começo do trabalho no Acima, onde alcança o reino do Espírito e da Energia. Entretanto, é nesta operação que ocorre o maior

número de falhas. Na maioria das vezes, a criança resultante da conjunção é natimorta, e o alquimista deve abandonar o trabalho e iniciar novamente.

Fase Vermelha: Rubedo

O terceiro estágio do processo alquímico é difícil de explicar e envolto de mistérios. Também conhecido como “*Opera al Rosso*”, o Rubedo culmina na conclusão da Grande Obra e, como já dissemos, é uma fase que não temos mais do que explicações fragmentárias. Em síntese, podemos dizer que é durante a Fase Vermelha que ocorre a tão falada “união de opostos”. Aquilo que foi separado volta a se reunir.

O simbolismo do Rubedo também é bastante rico, sendo os símbolos mais conhecidos a fênix, o ouroboros e o ser andrógino (*Rebis*). Essa união de opostos a que fizemos referência é a reunificação do espírito e da alma, do Sol e da Lua, do homem e da mulher. Ou, como estudamos anteriormente, do Enxofre e do Mercúrio (Alma e Espírito). Assim como o Nigredo é simbolizado pela cor preta e o Albedo pela cor branca, o vermelho simboliza o estágio de Rubedo.

Segundo os alquimistas, é após a conclusão da Fase Vermelha que se obtém a Pedra Filosofal, uma substância capaz de conferir a quem a possui a imortalidade, a onisciência e a capacidade de transmutar metais vis em ouro — o metal puro por excelência.

No estágio de Albedo temos a Rainha Banca como símbolo. No Rubedo, temos o Rei Vermelho como símbolo. Como a Fase Vermelha é a continuação da Fase Branca, esses símbolos estão frequentemente conectados nos emblemas e imagens. Uma vez que é descoberta na fase de Albedo a “luz interior”, é necessário que seja transformada em única realidade.

O Nigredo representa uma descida ao inconsciente, às trevas. No Albedo, encontramos a “luz no fim do túnel”, a estrela da manhã, a Aurora. É neste estágio que encontramos o “Espírito volátil”. Na Fase Vermelha, esse Espírito volátil — que também podemos chamar de Mercúrio — deve ser fixado, coagulado. É aqui que entendemos a expressão “*solve et coagula*”. Solver a matéria na dissolução, coagular o espírito na coagulação.



Philosophia reformata, Johann Mylius, Frankfurt, 1622

Na imagem, percebemos a união do Rei Vermelho e da Rainha branca, que simboliza a união Albedo-Rubedo, feminino-masculino, homem-mulher. Isso quer dizer que, após atingir o Albedo, ou seja,

reconhecer a luz divina em si — que ilumina a escuridão — o espírito deve ser fixado, algo que é simbolizado pela “águia descendente”.

Os noivos estão em cima de dois leões com a mesma cabeça, que significa a unificação da natureza, que foi alcançada no processo ainda de Albedo, durante a conjunção. A água que sai da boca deles é a água da vida.

De acordo com o que preceitua a alquimia espiritual, nossa atenção — ou consciência — deve mergulhar profundamente no nosso inconsciente, na nossa alma. Isso faz referência ao “oculto que há em nós”. Quando iniciamos o processo de transmutação alquímica, na Fase Negra, descemos nesse inconsciente, nessa escuridão, para encontrar nossa consciência. Mergulhamos no oculto em nós, que está nas trevas — porque não conhecemos —, vislumbramos a luz da consciência e fixamos, ou seja, trazemos à consciência o volátil (Espírito), tornando-o durável.

Quando falamos em fixar o volátil estamos querendo dizer “trazer o Espírito à nossa consciência”. É o Rubedo, o Casamento Alquímico do Sol e da Lua, do Enxofre e do Mercúrio, da Alma e da Consciência. O Rubedo é a realização do alquimista, a conquista da Pedra Filosofal. É quando ele aceita sua herança divina, torna-se consciente do que sempre foi, mas que nunca soube que era. É a percepção da essência divina que todos nós possuímos, é encontrar a Pedra Filosofal no sentido espiritual da Alquimia.

Interessante notar que todo esse processo de transformação ocorre no corpo físico. A união da Alma (Enxofre) e do Espírito (Mercúrio), já purificados, culmina no nascimento de um novo ser (Sal), uma nova consciência. Todo esse processo ocorre na materialidade. É o que os gnósticos chamam de *pneuma* — a presença do espírito divino oculto no homem e que pode vir à consciência novamente.

O Rubedo é a finalização da obra alquímica. É quando o homem domina o físico e o espiritual após um processo de decomposição,

purificação e, por fim, iluminação.

“Poucas configurações alquímicas atraíram tanto a atenção e seduziram a imaginação quanto a famosa ‘coincidência dos opostos’ (...) Pois é na e pela morte (Nigredo) que os dois parceiros desse enfrentamento amoroso, mas fúnebre, preparam sua hora de glória comum. E, da mesma maneira, é a partir do mais corrosivo veneno que será preparado o remédio (teríaca) que supostamente acabaria com os males endêmicos de que sofre o gênero humano. Por isso, todas as figuras que simbolizam essa união encarnam, à sua maneira e no momento oportuno, o mistério de um entrecruzamento das qualidades, supondo, para ser operativo, que tanto um quanto o outro dos parceiros tenham renunciado ao seu ‘si’ vulgar.

Se Rei e Rainha, Sol e Lua são as representações mais espetaculares do enfrentamento terrestre e celeste entre Enxofre e Mercúrio, de outros corpos a corpos não menos mortíferos (Águia/Leão, Lobo/Cão), representam com a mesma força o estado efervescente e sacrificial de uma Matéria cuja transformação engaja o destino de toda a Criação.

Queimar pela água e lavar pelo fogo, matar o vivo e ressuscitar o morto, como ensina o Rosário dos Filósofos (séc. XIV), é apenas uma maneira de dizer, desta vez operativa, que ‘o que está em cima é como o que está embaixo’ (Tábua Smaragdina).” (6)

Resumindo os estágios do processo alquímico, podemos dizer que na Fase Negra a matéria perde sua forma anterior e, mediante o branqueamento, limpa-se, purifica-se e, pela vermelhidão, obtém nova forma. Durante esse processo, a força purificadora é o Mercúrio e a colorante (que confere forma) é o Enxofre.

“Depois de sofrer através do Nigredo, passando pelas intensas purificações do Albedo, e experimentando a morte da putrefação, a questão

do trabalho foi esgotada de energia e força vital. Era terra pura, mas estéril, que os alquimistas comparam com a face sombria da lua.

Para fazer o trabalho ganhar vida novamente, os alquimistas sentiram que ele deve ter sangue fresco e passar avermelhado no Fogo. A infusão da vida na matéria morta foi realizada pela união amorosa da Rainha Branca com o Rei Vermelho, que trabalham juntos durante o Rubedo em um processo cósmico às vezes referido como o ‘Casamento do Sol e da Lua’. Obviamente, estes são símbolos profundos com significados universais.” (9)

Assim como existem operações contidas na Fase Negra e na Fase Branca, a Fase Vermelha contém três operações conhecidas como fermentação, destilação e coagulação. As duas primeiras combinam energias opostas no trabalho e a última representa a cristalização final da energia e da matéria que culmina na famosa Pedra Filosofal.

Fermentação

A fermentação ocorre no início do Rubedo e após um processo chamado Putrefação. Muitas pessoas acreditam que a putrefação acontece na Fase Negra, mas isso não é verdade. Antes de fermentar a matéria morre para depois voltar à vida.

Vou tentar explicar melhor, pois compreendo que é complexo de entender. Ao sair do Albedo e ir em direção ao Rubedo, a matéria entra em outra fase escura, quando o Filho Filósofo aproxima-se do nascimento.

É uma espécie de putrefação, uma fase curta, que os alquimistas dizem ser uma limpeza final das impurezas, uma “morte final” de quaisquer contaminantes ou remanescentes de ego na matéria — sob o ponto de vista pessoal/psicológico.

É como um prelúdio necessário para o renascimento da matéria em um nível mais perfeito. No momento mais sombrio da putrefação, ocorre a exibição repentina de diversas cores brilhantes, que os alquimistas chamaram de cauda do pavão.

Quando a fermentação acontece, a matéria morta volta à vida à medida que o processo ocorre. O simbolismo associado à esta operação geralmente mostra pássaros aninhados em uma árvore, um pássaro descendo para a água onde um sapo preto o espera ou a imagem de um alquimista que observa e espera por mudanças que ocorrem em um vaso escuro. Uma gravura interessante e que também simboliza a fermentação é a de um fazendeiro semeando moedas de ouro no campo.



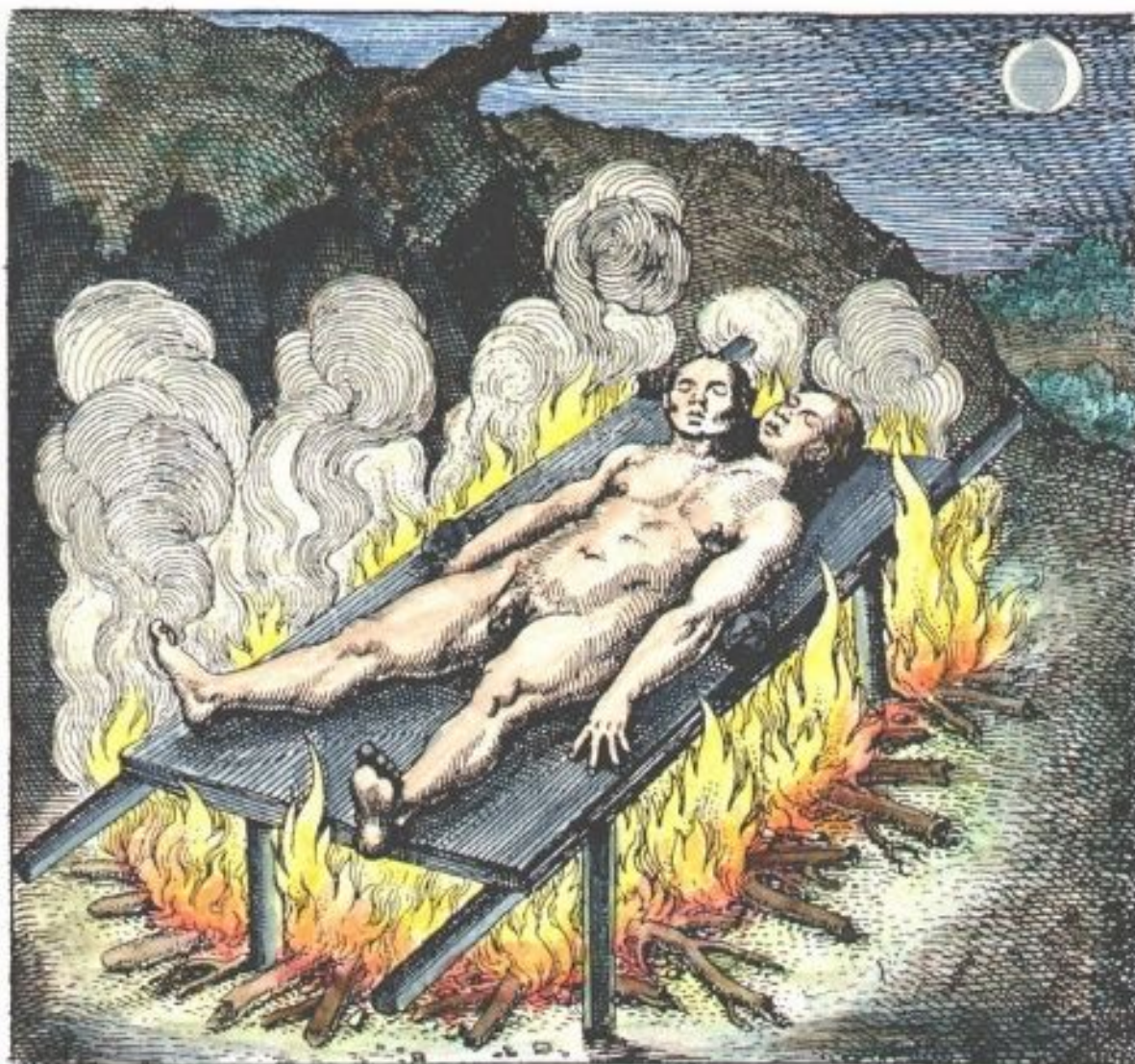
Michael Maier, Atalanta Fugiens, Oppenheim, 1618.

Outros emblemas que simbolizam a fermentação trazem cenas de semeadura, renascimento, germinação e de videiras. Geralmente, a cor verde é associada à esta operação, por isso, o Leão Verde posicionado em direção ao céu, presença de pedras preciosas verdes e jardins exuberantes também sinalizam que a operação é a fermentação.

Devido à putrefação que ocorre antes, imagens com nuvens escuras, raios, tempestades, vasos escurecidos, anjos descendo do céu e até mesmo atividade sexual em cavernas remetem a esta operação. Por fim, o resultado da fermentação bem sucedida é o *Rebis* ou “coisa dupla”, um andrógino

com uma cabeça masculina à direita e uma feminina à esquerda, representando o Filho Filósofo, resultado da união do Rei Vermelho e da Rainha Branca, que começou ainda na Fase Branca (Conjunção).

O *Rebis* na fase de fermentação é apresentado nos emblemas sendo aquecido, mas não como ocorre no fogo da calcinação. Neste caso, ele recebe um calor controlado.



Michael Maier, Atalanta Fugiens, Oppenheim, 1618.

Fermentação pessoal

A fermentação psicológica é o começo de uma nova vida na presença interior criada durante a conjunção pessoal. Ela começa com a inspiração de um poder espiritual que ilumina o ego enegrecido. Oração, desejo de união mística, meditações, visualizações e terapia transpessoal são ferramentas de fermentação.

De acordo com Dennis Willian Hauck, a fermentação alquímica é um processo de duas etapas que começa com a putrefação, na qual a matéria primeiro apodrece e se decompõe para depois fermentar e reviver em espírito.

Daniel Stolcius, em *Chemisches Lustgaertlein* (1625), diz que a destruição causa a morte do material. Mas o espírito renova, como antes, a vida desde que a semente apodreça no solo certo — do contrário, todo o trabalho, obra e arte serão em vão.

Fazendo referência à Cauda do Pavão, a fermentação que ocorre no nível pessoal frequentemente é iniciada por visões coloridas. O alquimista desenvolve uma forma mais elevada de imaginação, algo que eles chamavam de “Verdadeira Imaginação”. Segundo a experiência deles, as imagens mentais experimentadas durante a fermentação eram como representações de uma realidade espiritual maior e real, e não mera fantasia.

Cauda Pavonis (Cauda do pavão)

Embora não seja considerado um estágio propriamente dito do processo alquímico, o que podemos chamar de “*cauda pavonis*” é uma fase que merece atenção. Trata-se de um estágio em que muitas cores aparecem, como uma Cauda de Pavão.

Mas afinal, por que a Cauda do Pavão é utilizada como símbolo para esta fase de “muitas cores”? Diz a lenda que a cauda do pavão foi escolhida como símbolo por fazer alusão aos “muitos olhos coloridos e brilhantes”. Originalmente, são associados aos olhos do grego *Argus* (aquele que vê tudo).

Argus era um gigante muito forte que tinha cem olhos — enquanto cinquenta estavam abertos, os outros cinquenta estavam dormindo. Após ser decapitado por Hermes, Hera (a deusa mãe) colocou os olhos de *Argus* no rabo do seu pássaro favorito, o pavão. A fase “das muitas cores” também é simbolizada pelo arco-íris ou pela deusa do arco-íris, ou seja, Íris que é considerada a mensageira dos deuses.

“As diversas cores observadas na Cauda do Pavão gradualmente se fundem em brancura pura. Como o preto é a ausência de cor, o súbito aparecimento de cores na Cauda do Pavão durante a putrefação sinaliza uma mudança fundamental na matéria. E é natural que a Cauda do Pavão eventualmente tenha se tornado branca porque o branco contém todas as cores juntas.” (9)

O simbolismo presente neste evento geralmente inclui um arco-íris aparecendo entre nuvens escuras de uma tempestade, por exemplo. Também pode ser simbolizado pela Aurora Boreal brilhando em um céu noturno.

Importante destacar que este processo se dá tanto no laboratório quanto no oratório, ou seja, no processo de transformação interior. Inclusive, *“Carl G. Jung disse que esse fenômeno era comparado ao amanhecer, um período de paz e tranquilidade antes da próxima e última fase, que é o nascer do sol completo do Rubedo”* (9).



S. Trismosin, Splendor Solis, Londres, século XVI.

Na imagem, a Vênus no céu traz imensa alegria. Na retorta, torna-se visível um magnífico jogo de cores (Cauda do Pavão). Segundo *Basílio*

Valentim, esta aparição, tal como um arco-íris, indica que a matéria irá em breve passar do estado úmido ao seco. (2)

Destilação

A destilação era uma operação que, segundo os alquimistas, liberava a essência pura ou Espírito da matéria ou substância nos vapores evaporadores. Um exemplo bastante próximo da nossa realidade é a obtenção do álcool (considerado espírito na Alquimia) puro do vinho destilando uvas fermentadas.

Devido à semelhança com um popular dispositivo de destilação muito utilizado pelos alquimistas medievais, o símbolo do Pelicano faz referência a esta operação. Nos emblemas alquímicos, o pássaro é mostrado bicando seu próprio peito, afim de alimentar seus filhotes, que geralmente estão reunidos aos seus pés recebendo o sangue fresco, a essência da vida.



Existem diversos tipos de destilações utilizada no processo. Inclusive, a matéria é destilada várias vezes até atingir o ponto ideal. Um tipo de destilação muito conhecido pelos alquimistas é a coobação, também chamada de sublimação, que consiste em encharcar repetidamente a matéria em líquido e destilar para capturar suas essências purificadas. Segundo os alquimistas, a sublimação é uma forma superior de destilação, que leva diretamente à Pedra Filosofal. No que se refere à alquimia prática, essa é a operação mais importante.

Devido às diversas destilações que muitas vezes são necessárias, gravuras com criaturas de duas cabeças e asas subindo ao céu e retornando à terra, demonstram a operação que chamamos destilação. Na Tábua de

Esmeralda, ela é descrita com estas palavras: “*Ela sobe da Terra para o Céu e desce novamente para a Terra, combinando dentro de si os poderes tanto do Acima quanto do Abaixo*”.

Em poucas palavras, o objetivo da destilação é juntar as duas naturezas — Enxofre e Mercúrio — até que se tornem inseparáveis. “*Juntem ao leão um leão alado, para que ambos possam viver no ar. Mas ele detém-se firme e permanece na terra. Esta imagem da natureza mostra o modo como ela se rege.*”



Michael Maier, Atalanta Fugiens, Oppenheim, 1618.

Além do *Rebis* (Andrógino), outras imagens que sugerem a destilação são flores em flor, rosa, chuva, neve, rodas de água, cenas de fontes e animais como o unicórnio, pombas brancas, pelicano, corujas, pássaros em ascensão, serpentes aladas, dragão em chamas que devora a própria cauda e o Leão Verde devorando o sol.

Destilação pessoal

Como estamos fazendo com as outras operações, vamos fazer uma breve análise de como a destilação se dá no nível pessoal. Essa análise se faz necessária, pois ajuda-nos e compreender melhor como os símbolos são usados na representação desses processos.

Em termos psicológicos, a destilação é uma espécie de “espiritização”, cujo objetivo é a separação repetida e a recombinação dos aspectos sutis ou espirituais com os aspectos grosseiros da personalidade.

Qualquer pessoa comum pode observar esse processo no dia a dia, apenas observando seus pensamentos. Estamos sempre reciclando pensamentos e emoções em um ciclo interminável, sempre buscando encontrar direção e organizar a vida.

O que acontece é que sem consciência, fazemos isso de forma aleatória, de forma totalmente improdutiva. Esse processo permanece ininterrupto e sem controle até que uma ideia destilada surge na forma de uma nova visão ou de um julgamento revisado.

De acordo com a Ph.D Nanci Shanderá:

“A destilação cria uma experiência espiritual autêntica que abraça a luz e a escuridão. (No escuro, quero dizer o misterioso, inconsciente, não expresso - não estou me referindo ao que chamamos de "mal", que é realmente um mau uso do escuro.) Muitas filosofias espirituais e religiosas ensinam que nossa tarefa é rejeitar e evitar desconforto, e que busque apenas um domínio idealista da experiência. Essas ideias apenas reforçam a crença de que, quando experimentamos aspectos sombrios da vida, devemos estar fazendo algo errado.”

Uma pessoa que passa por operações de destilação dos pensamentos, emoções e sentimentos tem uma percepção madura das coisas. Ela não se faz de vítima, não encara a vida como uma experiência devastadora quando essa não atende às suas expectativas.

A pessoa destilada trabalha com a Alma e não com o ego. Como lindamente Nanci Shanderá conclui: *“Ela se rende às forças superiores enquanto celebra e honra a existência das forças inferiores”*.

Ferramentas úteis no processo de destilação pessoal são meditações introspectivas que elevam o conteúdo da psique ao mais alto nível, onde ele pode estar livre da energia emocional que muitas vezes controla nosso comportamento. Quase todos os processos de terapia também são destilações que buscam uma reconciliação entre as realidades subjetiva e objetiva da vida.

Coagulação

A coagulação é a operação final do processo de transformação. É quando o corpo torna-se espiritual e o Espírito torna-se corporificado. *Solve et Coagula*. A coagulação física é o que se pode chamar de *“manifestação física da essência criada durante a conjunção, nascida durante a fermentação e purificada na destilação”* (9).

Na coagulação ocorre a fixação das forças espirituais e é essa fixação que cria a Pedra Filosofal. *“A coagulação, assim como a fixação, não é outra coisa senão a união, mais ou menos forte, do volátil com o fixo; é a conversão do úmido em seco e a ocultação do humor fluido”* (13).

Na coagulação e criação da Pedra Filosofal, ocorrem mais duas operações que merecem ser citadas, pois também são representadas em gravuras alquímicas. A primeira é a projeção, um processo de transmutação

dos metais básicos em ouro. A segunda é a multiplicação, processo em que ocorre o aumento do volume ou quantidade de alguma coisa. Digamos que a multiplicação aumente o poder da Pedra. Como disse Dennis Willian, “*ela fornece a matéria-prima para o elixir da vida, ouro potável e outras panaceias que os alquimistas prometeram curar todas as doenças*” (9).

O símbolo mais comum de coagulação é a Fênix. Entretanto, esta operação também é representada por ouros brilhantes, pedras em forma de ovo, o Santo Graal, imagens do andrógino jovem nu, assim como emblemas que mostram uma águia solitária voando no céu, criaturas sem asas sendo levadas por criaturas aladas, serpentes e leões juntos, o Rei e a Rainha libertando-se de correntes e o Sol e a Lua sorridentes sobre uma criança nua.

Coagulação pessoal

A fênix ressuscitada, um dos símbolos mais usados para representar a coagulação, é a personalidade renascida que se manifesta após essa operação. Para os alquimistas, ela é considerada a criança divina, gerada a partir do Rei e da Rainha e, psicologicamente, representa um novo e purificado estado de consciência.

É o ser humano totalmente curado, renovado e que, pela ação do Fogo e durante as diversas operações, queimou suas imperfeições e está livre para voar como a Fênix, renascida das cinzas. Interessante observar que, neste caso, as cinzas são bastante simbólicas em todo o processo alquímico.

Segundo Nanci Shanderá:

“Na Alquimia, uma pessoa inteira é aquela que viajou por todos os estágios inferiores: calcinação (queimando o controle do ego), dissolução

(resgatando as emoções), separação (decidindo o que é importante) – muitas vezes! – e passou a numerosas explorações do estágio de conjunção para descobrir o coração.

Uma pessoa inteira saúda a putrefação-fermentação, destilação e coagulação, onde é confirmada a totalidade. Mas mesmo que a coagulação seja a etapa final, o fim é apenas o começo. Este não é um lugar de descanso, pois requer mais capacidade de resposta do que nunca, mais desconforto do que quando estávamos em diferentes graus de inconsciência e mais visão de como nossas decisões momento a momento podem afetar universos inteiros. Também é preenchido com uma experiência inefável que jamais imaginamos ser possível.

Poucas pessoas chegam a um ponto de completa coagulação. A maioria de nós precisa continuar repetindo todos os estágios, refinando cada vez mais a essência dourada dentro de nós. Assim como os mineiros precisam de esforço, trabalho e tempo para descobrir riquezas na terra, nossas lutas para encontrar nosso ouro interior acabam valendo a pena.”

O Casamento Alquímico

Como já vimos em capítulos anteriores, uma das operações da Alquimia é a conjunção, caracterizada pela união de duas substâncias diferentes para a criação de um novo composto que se forma a partir desta “união”.

Esse novo composto ou substância tem suas próprias características e é chamada pelos alquimistas de Filho Filósofo ou Criança da Conjunção. Geralmente, essa Criança é mostrada como um hermafrodita, que representa uma fusão grosseira das substâncias originais, ou seja, do homem e da mulher, do Rei e da Rainha.

O Casamento Alquímico, também chamado de “Casamento Sagrado” é nada menos que a representação da conjunção. É considerado o evento mais importante da Alquimia, e envolve a união de essências ou energias arquetípicas. Seja no trabalho de laboratório, no trabalho mental ou espiritual, o Casamento Alquímico é o ponto crucial na transformação da matéria.

Segundo Titus Burckhardt: *“O mercúrio é incorporado ao enxofre e vice-versa; ambas as forças “morrem” em sua capacidade de antagonistas e oponentes. Então, a lua da Alma, variável e reflexiva como um espelho, junta-se ao imutável sol do Espírito, para que seja ao mesmo tempo extinta e iluminada”*.



Na alquimia, os princípios filosóficos recebem o nome de Enxofre, Mercúrio e Sal, ao que podemos relacionar, respectivamente à Alma, Espírito e Corpo. Esses princípios têm tudo a ver com o Casamento Sagrado, pois o Rei Vermelho é a representação do Enxofre, a Rainha Branca a representação do Mercúrio e o Sal é o produto da união dessas essências.

Muitas pessoas, ao não entenderem o simbolismo utilizado na alquimia, ficam confusas com esses conceitos e, mais ainda, quando se trata do Casamento Alquímico.

Nas imagens em que essa união se dá vemos geralmente um Rei e uma Rainha (o Rei vermelho e a Rainha branca), unindo-se simbolizando uma a operação de conjunção, operação do processo que prepara a matéria/substância para as operações da Fase Vermelha.

Como já estudamos em capítulo anterior, o Enxofre (Rei Vermelho, princípio masculino e solar) é a Alma de toda matéria, a Consciência presente em toda matéria; e o Mercúrio (Rainha Branca, princípio feminino e lunar) é o Espírito de todas as coisas.

O Rei representa a mente e os pensamentos conscientes enquanto a Rainha representa a mente e os sentimentos subconscientes. O Rei é o ego é a parte do ego associada ao masculino agressivo e aos poderes do raciocínio. Já a Rainha, é a parte do ego associada às forças de aceitação passiva e formas femininas de saber, como sentimentos e intuição. Apesar de representarem qualidades opostas da nossa personalidade, são dois aspectos de uma mesma coisa, que é o nosso verdadeiro Eu.

O Casamento Sagrado é quando Alma e Espírito tornam-se um só. Na alquimia espiritual é quando o homem, após um mergulho interior nas

próprias sombras (Nigredo) encontra sua própria essência, a Aurora, a luz do amanhecer dentro de si mesmo após um "noite escura" (Albedo) e, finalmente, esses opostos que estavam separados (Enxofre e Mercúrio/ Alma e Espírito), une-se, casam-se.

É quando o homem toma consciência da sua essência divina, e fixa o volátil. O que isso quer dizer? Ele traz aquilo que é volátil (O Espírito, a consciência de quem Ele realmente É) para a realidade. ***Solve et coagula***. Dissolver o corpo e coagular o Espírito.

Com essa morte antiquada (a morte da ideia da Alma e do Espírito separados) e o nascimento de algo novo e melhor (A Criança da Conjunção/ Filho Filósofo/ uma Nova Consciência), o corporal é espiritualizado e o espiritual corporificado, a fim de tornar fixo o volátil e o volátil fixo (“*Fac fixum volatile et volatile fixum*”).

O Casamento Interior

Embora tenhamos facilmente a representação da conjunção fora de nós, é um processo que ocorre em cada um, no nível pessoal. Carregamos nosso Enxofre e nosso Mercúrio, nossa essência Masculina e Feminina.

É o casamento do Sol e da Lua dentro da gente, a união da Alma e do Espírito, que unem-se para a criação de um novo ser, uma consciência iluminada. Os alquimistas viram isso como a união das forças opostas dentro de uma pessoa. Do ponto de vista simbólico, podemos também considerar a união da Água (associada à Mercúrio) e do Fogo (associado ao Fogo).

No emblemas, entre as imagens mais perturbadores que representam o Casamento Alquímicamente estão aquelas que mostram atos de incesto ou

masturbação. Por esse motivo, muitos religiosos da época acusaram os alquimistas de defender comportamentos imorais.

Entretanto, para a grande maioria dos autores herméticos, os atos eram metáforas para a união interior que ocorria entre a Alma e o Espírito do alquimista. Mais tarde, na visão de Jung, os atos significaram nada menos que a descida ou penetração no subconsciente, sendo a mãe o subconsciente e o filho o consciente. É um casamento de retorno ao útero da mãe.

Falando de simbologia, um dos principais símbolos do Casamento Sagrado é a estrela de cinco pontas, em que temos dois triângulos entrelaçados, significando a união de opostos. Sabemos que o triângulo apontando para cima é o Fogo, que simboliza o Sol, o aspecto masculino, o ativo; e o triângulo apontando para baixo é a Água, que simboliza a Lua, o aspecto feminino, passivo. Muitas vezes, a estrela de cinco pontas representa o Filho Filósofo, ou seja, o filho do Casamento Alquímico, a Pedra Filosofal.

Por falar em Pedra Filosofal, na Alquimia ela é formada durante o Casamento Sagrado, o resultado da união dos opostos. A Pedra é a união do Espírito com a Alma e finalmente o Corpo.

“De acordo com alguns autores, a Grande Obra foi realizada quando o Espírito Divino foi trazido para impregnar a Alma com sua luz. Este ato resulta na purificação e assimilação do corpo físico, de modo que Espírito, Alma e Corpo se unem para formar um novo ou ressuscitado corpo de luz.” (9)

Capítulo 9 – Simbolismo dos animais na alquimia

A Alquimia é considerada uma tradição espiritual, uma forma de explorar nosso espaço interior e descobrir nossa essência mais íntima. É um método prático cujo objetivo é a investigação da “substância do nosso ser”, ao mesmo tempo em que ocorre uma meditação sobre os processos químicos.

Em tempos idos, os alquimistas trabalhavam observando seus experimentos, destilando, calcinando, aquecendo e sublimando substâncias. Mas a verdade é que eles usavam esses experimentos como imagens em suas “meditações”, como mantras visuais a partir de mudanças químicas. Em outras palavras, eles observavam nos seus experimentos as mudanças ocorridas em seu interior.

No trabalho de laboratório, no interior dos seus frascos, eles viam uma espécie de microcosmo da natureza macrocós mica. Metaforicamente, seres da natureza começaram a serem visualizados nos processos alquímicos. E os animais foram símbolos muito utilizados por eles.

Durante o trabalho alquímico, os animais eram escolhidos de acordo com sua semelhança aos processos. Por exemplo: o sapo negro era perfeito para representar a massa negra de substância digerida no balão, enquanto a água branca descrevia muito bem os vapores brancos que subiam no colo do balão a partir da substância sendo aquecida.

Como já dissemos, os alquimistas utilizaram figuras de animais reais e imaginários para descrever metaforicamente alguns componentes presentes nos estágios da Obra. Entre os principais símbolos de animais estão aqueles que representam o Mercúrio — principal agente de transmutação — caracterizado pela sua dupla natureza (fixa e volátil).

O dualismo que distingue este elemento faz com que ele seja convertido em um pássaro (princípio de ordem aérea) e em uma serpente (princípio aquático e telúrico); e também em um dragão que morde a própria cauda (ouroboros), símbolo da união dos contrários na totalidade originária.



Leão verde coroado de Ouro: Rosarium Philosophorum, Praga, 1578.

Pode-se dizer que o mercúrio encarna todas as metamorfoses animais do Magistério (Grande Obra). Desde o corvo negro da Fase Negra à pomba ou cisne branco da Fase Branca; desde a *cauda pavonis* ao pelicano, sangrando o próprio peito para a multiplicação; e do leão à fênix na fase final Vermelha.

O unicórnio também ocupa um lugar de destaque na iconografia alquímica, pois representa a natureza dupla (divina e demoníaca) do Mercúrio. Além dos emblemas “mercuriais”, existem os símbolos que

representam agentes químicos concretos, como a águia (simbolizando o sulfato de ferro, o vitríolo verde), o lobo (símbolo do antimônio) e o dragão sem asas (símbolo do salitre e do enxofre fixo).

Quando falamos de animais no processo alquímico, não podemos ter definições fixas, pois um símbolo podem ter significados diferentes dentro de contextos também diferentes.

O dragão, por exemplo, ao mesmo tempo que pode ser utilizado na fase de escurecimento, é bastante frequente em emblemas que representam o final do trabalho. Isso ocorre quando ele aparece alado (com asas), por exemplo, fazendo oposição ao dragão não alado. Com asas, ele é a representação da espiritualização da matéria. Ele é exemplo de um mesmo símbolo que pode ter significado de acordo com o contexto em que se encontra.

Para facilitar o entendimento, vamos mostrar através de tópicos os animais mais utilizados no Simbolismo Alquímico. Em outro momento, vamos trabalhar com esses símbolos dispostos nos emblemas. Por essa razão, é importante ter também conhecimento básico e teórico a esse respeito.

Os pássaros e aves na Alquimia

Ao observar emblemas alquímicos é fácil perceber a presença de pássaros e aves. Na alquimia, eles eram utilizados para representar conceitos muito importantes, como os processos voláteis^[5] e espirituais da Arte. Quando estão voando para cima (em movimento ascendentes) indicam o volátil ou a evaporação dos compostos. Quando voam para baixo (movimento descendente), indicam o fixo, a condensação ou precipitação dos compostos. Quando os pássaros estão em movimento ascendente e

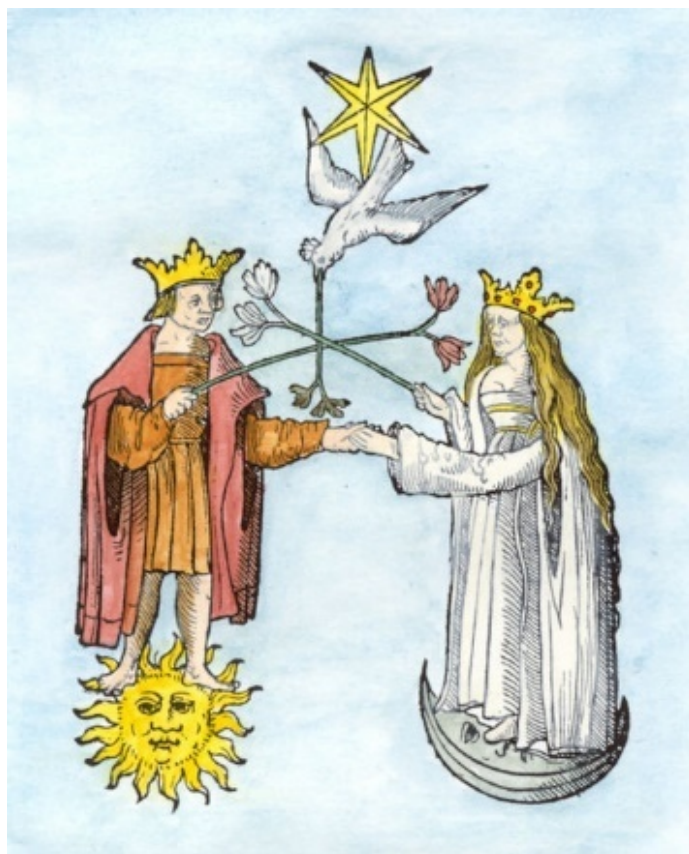
descendente, quer dizer que o processo a Obra está passando pela operação de destilação.

O corvo negro indica a fase negra, assim como também está associado às fases de calcinação ou putrefação, que envolvem a dissolução das estruturas pelo fogo ou decadência. O cisne branco, por sua vez, está relacionado às operações do Albedo (fase branca da Obra, de separação dos opostos e de purificação). O galo também aparece em algumas gravuras e indica que o processo de conjunção dos opostos está em andamento. Por fim, temos o pavão que, ao aparecer no emblema, indica o início da operação de fermentação. Dando seguimento, temos também o pelicano, que representa a operação de destilação, ou seja, o início da fase vermelha do processo alquímico.

Outro pássaro muito utilizado na iconografia é a águia. Por vezes ela faz referência à fase de destilação, mas também é usada para indicar a fase de sublimação. A fênix — o pássaro mítico que renasce das cinzas — indica a fase final da coagulação e finalmente a criação da Pedra Filosofal.

Águias de duas cabeças são também símbolos comuns no Simbolismo Alquímico. Na gravura, ela indica o estado de Mercúrio — natureza dupla da substância ou androginia. A pomba, do ponto de vista químico, está associada à transição da fase negra para a fase branca da Obra. Em alquimia espiritual, é um símbolo do espírito renovado ou uma infusão do espírito divino.

É comum encontrar pássaros em emblemas fazendo essa função. Nas gravuras que indicam o Casamento Alquímico, por exemplo, o pássaro branco ou a pomba, em um movimento descendente, sela a união dos princípios masculino e feminino.



Série Rosarim Philosophosum

Mais raro de encontrar, uma figura alquímica curiosa é o basilisco. Ela serpente de asas que, de acordo com a lenda, nasceu do ovo de um galo hermafrodita e foi amamentado por uma serpente. O basilisco significa a união do Mercúrio (pássaro, princípio volátil) e do Enxofre (dragão, princípio fixo).

Pode ser entendido também de um ponto de vista pessoal como a união das nossas naturezas inferiores e superiores, sendo o Espírito representado pelo pássaro e a Alma pelo dragão. A junção dessas naturezas culmina na criação de uma nova criatura, chamada pelos alquimistas de “Filho dos Filósofos”.

Por falar em criaturas míticas, o Grifo é uma besta que tem o corpo de leão e a cabeça e as asas de uma águia. Geralmente, vemos o Ovo de

Grifo como um símbolo, algo que faz alusão ao Vaso de Hermes, o local em que ocorre a conjunção do fixo com o volátil. É interessante observar que tanto o leão quanto a besta são considerados reis nos seus reinos. Desse modo, a união deles culmina em um animal muito poderoso e majestoso.



Aurora consurgens, século XVI

Animais na Alquimia

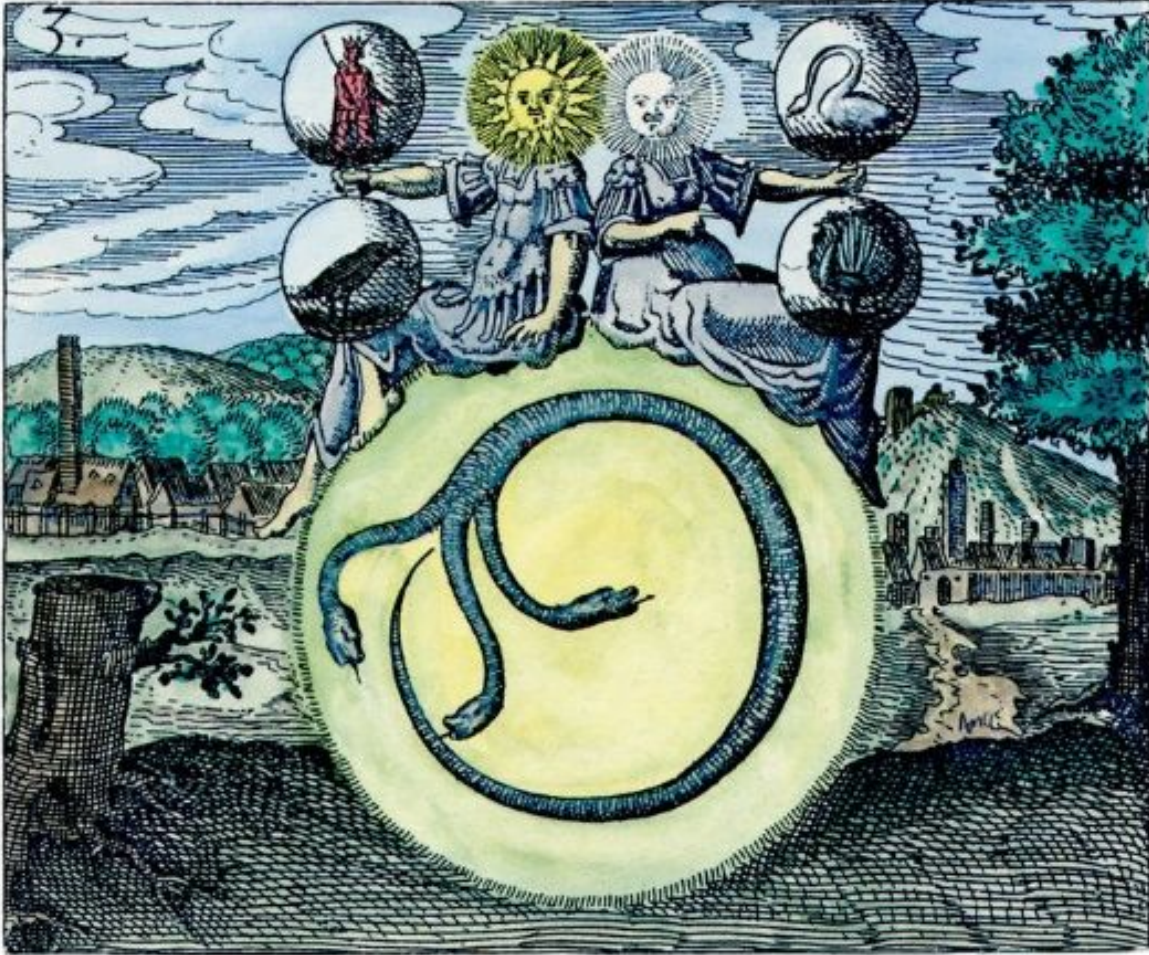
Enquanto os animais voadores indicam na Alquimia princípios voláteis ou espirituais, os animais terrestres geralmente fazem referência a princípios fixos ou físicos. É importante observar que dois animais na gravura serão sempre Enxofre e Mercúrio ou estão fazendo alusão a princípios fixos e voláteis.

Na Alquimia, os animais também podem representar os quatro Elementos. Geralmente, temos:

- Terra: boi e leão;
- Água: peixes e baleias;
- Fogo: dragões e salamandras;
- Ar: pombas ou águias.

A serpente — tão popular em várias culturas e tradições — simboliza a força vital e as energias trabalhadas e trocadas durante a transformação alquímica. Quando elas aparecem entrelaçadas, representam a oposição das energias masculinas e femininas que, juntas, compõem a força vital. O símbolo do Caduceu de Mercúrio traz essa representação.

Quando o emblema traz uma serpente de três cabeças ou três serpentes em um mesmo espaço ou que pertencem ao mesmo grupo, quer dizer que ele está fazendo alusão ao três princípios filosóficos: Enxofre, Mercúrio e Sal.



Daniel Mylius

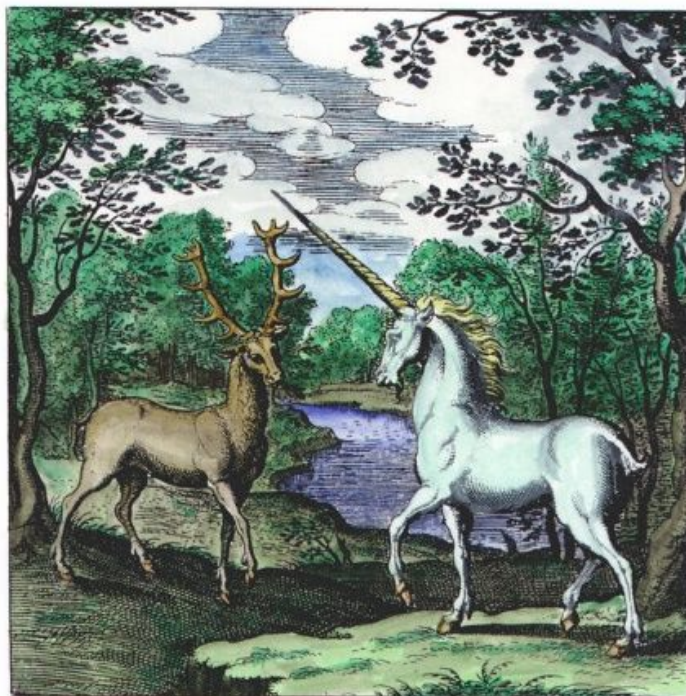
Serpentes aladas (com asas) representam princípios voláteis, enquanto as não aladas representam substâncias fixas (o mesmo acontece com o dragão). Por fim, a serpente crucificada simboliza a fixação do volátil. Na alquimia, os sapos geralmente estão associados à Prima-Matéria e às energias relacionadas à materialização. Ao encontrar, por exemplo, uma gravura com um sapo acorrentado a uma águia, temos o sapo representando o fixo e a águia o volátil.

Neste caso, o emblema mostra a união de componentes fixos e voláteis, como a alma e o espírito e o Enxofre e o Mercúrio. O sapo preto simboliza a Prima-Matéria na putrefação.



Symbola aurea mensae - Michael Maier, Frankfurt, 1617

Dois peixes nadando em direções opostas indicam o espírito e a alma durante a operação de dissolução. O unicórnio é símbolo de sublimação e faz referência à tintura branca da Alquimia. O veado representa a tintura vermelha e a união do veado e do unicórnio em um mesmo emblema indica a conclusão da Grande Obra.



Lambsprinck, De Lapide Philosophico, Frankfurt, 1625.

Outro animal simbólico na Alquimia é o lobo. Ele representa o instinto selvagem do homem ou as forças desordenadas da natureza. Quimicamente, o lobo é o antimônio metálico que, quando derretido, devora impiedosamente outros metais, como estanho, chumbo e cobre.

O cão representa o espírito domesticável e as forças da natureza que trabalham para ajudar o alquimista. Quando encontramos desenhos que em lobos e cães estão brigando, significa que está ocorrendo um processo de purificação do ouro com o uso do antimônio.

O leão na alquimia

Os leões eram símbolos tão importantes na Alquimia que merecem um tópico específico. Quase sempre, eles estão associados ao Enxofre. Do ponto de vista químico, ele é qualquer substância fixa (ou salgada) obtida

dos metais. De acordo com o estado de transformação, ele pode aparecer na cor preta, vermelha ou verde.

O leão preto é o sal negro, o chumbo, a parte escura da substância que deve ser purificada e transformada pelo Fogo. No trabalho com os metais, o leão verde é a essência deles, conhecido por ser uma substância capaz de devorar os metais. Era usado para purificar o ouro. A cor verde faz referência à cor verde do sulfato de ferro, assim como outros ácidos feitos com essa substância.

Um exemplo é a mistura de ácido nítrico com o ácido clorídrico que resulta em um ácido esverdeado chamado *aqua regia*. Esse ácido é capaz de dissolver até mesmo o ouro. As imagens com o leão devorando o sol fazem alusão a esse processo.

O leão vermelho simboliza a força vital. Filosoficamente, o leão verde refere-se às forças brutas da natureza ou algo subconsciente que tentamos dominar. E o leão vermelho surge como uma força que tenda controlar essas forças. Nos estágios finais da Obra, o leão vermelho cria asas e assume o aspecto volátil ou espiritual da substância.

O dragão na alquimia

Outro símbolo muito relevante no Simbolismo alquímico é o Dragão. Ele simboliza as propriedades do Mercúrio ou a aplicação de força vital ou energia. No trabalho com metais, ele é o ácido mercúrio e, assim como o leão, na Alquimia o dragão pode ser preto, verde ou vermelho.

O dragão negro é a substância que sofre putrefação pelo Fogo e o verde representa a vitalidade do metal. Do ponto de vista filosófico, o dragão verde refere-se a um animal que anteriormente era feroz e indomável, mas que conseguiu ser domado.

Sua energia foi contida por ter sido cristalizada ou, psicologicamente, elementos inconscientes foram assimilados à consciência. Podemos dizer que o dragão verde representa nosso controle do ego que, nesta etapa de transformação alquímica, não nos domina mais.

O dragão vermelho é aquele que aparece tanto no início quanto no final da Obra. No começo do trabalho, ele é o óleo vermelho do chumbo no seu estado inicial e o pó vermelho de projeção em seu estado de aperfeiçoamento ou, como dissemos, após ser domado.

Há outros aspectos envolvendo este símbolo que devemos levar em consideração. O dragão que está envolto em chamas ou cuspidor de fogo representa outra operação alquímica, que é o derretimento da substância trabalhada no processo de calcinação.

Vários dragões lutando indica putrefação. O dragão alado (com asas) representa o princípio volátil ou espiritual da substância, assim como o dragão sem asas faz referência ao princípio fixo dela. Quando vemos dois dragões, um alado e outro com pés fixos no chão, um devorando a cauda do outro, estamos diante de um simbolismo que faz referência aos processos cíclicos e de interação entre o volátil e o fixo, a alma e o espírito, a criação e a destruição.

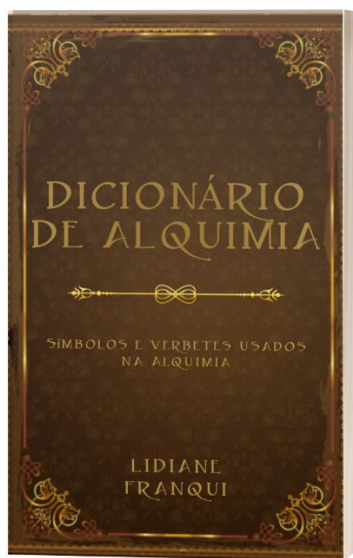
Bibliografia

1. DE ROLA, Stanislas Klossowski. *Alquimia*. Edições Del Prado, 1993.
2. ROOB, Alexander. *O Museu Hermético: Alquimia e Misticismo*. Editora Taschen, 1997.
3. HUTIN, Serge. *História Geral da Alquimia*. Pensamento, 2010.
4. PARACELSO, no livro: *Concerning the Nature of Things*
5. SILVEIRA, Nise da. *Jung: Vida e Obra, Coleção Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
6. BONARDEL, Françoise. *Filosofar pelo Fogo: Antologia de Textos Alquínicos*. São Paulo: Madras, 2012.
7. Anton Joseph Kirchweger, 1728.
8. HOLLANDUS, Johann Isaac. *Um Trabalho de Saturno*. Opera Mineralis, 1616.
9. HAUCK, Dennis Willian. *The Complete Idiot's Guide to Alchemy*. New York: Alpha Books, 2008.
10. GEBER. “Summa Philosophorum” 1628, in *Alquimia e Ocultismo*. Lisboa: Edições 70, 1970.
11. MAIER, M. “Atalanta Fugiens” 1618, in *O Museu Hermético: Alquimia e Misticismo*. Editora Taschen, 1997.
12. PARACELSO. *De Vita Longa*. São Paulo: Editora Trê, 1976.
13. BRETON, Le. “Las Chaves de la Filosofia Espagirica”, in *La Tabla Redonda de los Alquimistas*. Madrid: Luiz Carcamo editor, 1980.
14. MASPERO, G. e Kurt SETE. *Textos Sagrados das Pirâmides*. Rio de Janeiro: Livros do Mundo Inteiro, 1979.

15. SANTOS, Yedda Pereira dos. *Dicionário de Alquimia: A Chave da Vida*. São Paulo: Madras, 2012.

16. CANSELIET, Eugène. *Comentários em Mutus Liber*. Paris: La Rochelle, sd.

Aqui está outro e-book
que você pode gostar:



[Clique aqui para conferir](#)

[1] Monografia: Alquimia e Cosmos: Hermetismo e Concepção do Mundo no século XV.

[2] Os alquimistas da época.

[3] Paracelso

[4] Observação nossa

[5] Na alquimia, o termo volátil refere-se a algo que é facilmente transformado. É a facilidade com que ocorre a evaporação de um produto químico. Em alquimia espiritual ou interior, é a facilidade com que algo torna-se espirituoso.